

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA ANO 2021

EDIÇÃO ESPECIAL 12

EMFOCO

Revista Informativa Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos



CONCELHO ENRIQUECIDO
PELO **EMPREENDEDORISMO**
AGRO-FLORESTAL

COVID-19

APOIO À POPULAÇÃO NO ACESSO A BENS ESSENCIAIS

O Município de Figueiró dos Vinhos relembra que, no âmbito da pandemia Covid-19, tem à disposição serviços de apoio no acesso, aquisição e entrega ao domicílio de bens essenciais (alimentação, farmácia, bens domésticos, entre outros).

DESTINATÁRIOS:

- ◆ Cidadãos do grupo de risco (incluindo pessoas com mais de 60 anos);
- ◆ Cidadãos com mobilidade reduzida e/ou isolados, sem suporte familiar e sem meios de fazer compras de bens essenciais;
- ◆ Cidadãos em confinamento.

Os pedidos devem ser feitos com um dia de antecedência e pagos aquando do pedido ou da entrega dos produtos e da apresentação do documento comprovativo da despesa.

INFORMAÇÕES E PEDIDOS:

Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos

Gabinete de Ação Social

913 900 554 | accasocial@cm-figueiroadosvinhos.pt

Universidade Sénior

916 660 360 | univseniorfv@gmail.com

CLDS 4G - Agir Sempre +

236 551 127 | 964 968 920 | cldsfigueiroadosvinhos@gmail.com

Junta de Freguesia de Aguda

236 622 602 | juntafreguesiaaguda@gmail.com

Junta de Freguesia de Arega

965 522 368 | jfarega@hotmail.com

Junta de Freguesia de Campelo

913 597 063 | juntadfreguesiacampelo@gmail.com

Junta da União de Freguesias de Figueiró dos Vinhos e Bairradas

236 553 573 | geral@jf-figueiroadosvinhos.com



ÍNDICE

04	EDITORIAL	22	REABILITAÇÃO DO POSTO AQUÍCOLA DE CAMPELO
06	FIGUEIRÓ CUIDA+	23	DIA DO CONCELHO COM DUPLA CELEBRAÇÃO
08	FAZUNCHAR	26	BAIRROS SAUDÁVEIS
10	PROGRAMA DE APOIO À MOBILIDADE ELÉTRICA	28	JULGADO DE PAZ
11	AMBULÂNCIA OFERECIDA PELO MUNICÍPIO	30	ENTREVISTAS EMPREENDEDORISMO AGRO-FLORESTAL
12	COMPLEXO EMPRESARIAL SONUMA	77	ANTENA DE REDE MÓVEL
16	OBRAS MUNICIPAIS	78	COMBATE À VESPA VELUTINA
18	REABILITAÇÃO DO PASSADIÇO DA FOZ DE ALGE		

06



12



23



30



Ficha Técnica

EM FOCO Revista Informativa da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos N.º 12 Ano janeiro - junho 2021 **Publicação Semestral**
Diretor Presidente da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos **Propriedade** Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos **Concepção**
gráfica e paginação Teresa Trancoso e Ana Coelho **Textos** Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos **Fotografia** Câmara Municipal
de Figueiró dos Vinhos **Impressão e acabamento** FigueiroTipo, lda **ISSN** 2184 - 0660 **Depósito Legal** 385679/14 **Tiragem** 3500



issuu





EDITORIAL

“

NESTA EDIÇÃO, DAMOS A CONHECER UM CONJUNTO DE PROJETOS DE FIGUEIROENSES E NÃO FIGUEIROENSES, QUE INSPIRAM E SÃO ALGUNS DOS MUITOS EXEMPLOS DOS QUE INVESTEM (...)

”

Num tempo de pandemia, que infelizmente permanece, existe um mundo de homens e mulheres que persiste, que trabalha, empreende, constrói e produz. O mundo abrandou, mas felizmente não parou e, diariamente, eu vejo, em cada um dos Figueiroenses, a força, a coragem, a determinação em lutarem sem nunca esmorecerem.

É certo que ainda estamos no início do fim desta horrível pandemia, mas também é verdade que hoje o regresso à normalidade está mais próximo do que estava há um ano.

Nesta edição, damos a conhecer um conjunto de projetos de Figueiroenses e não Figueiroenses, que inspiram e são alguns dos muitos exemplos dos que investem, acreditam e nos fazem acreditar que vale a pena, todos juntos, continuarmos a lutar, sempre, pelo nosso concelho.

Mesmo num cenário de não normalidade e incerteza que a pandemia provoca, ver, a título de exemplo, dois investimentos industriais, um prestes a iniciar-se e outro em plena construção, deixa-nos, naturalmente, muito satisfeitos. Falo da Emeraldstiny, Lda., empresa dedicada a produtos tendo como base plantas medicinais, e da SCENTS From Nature, Lda., empresa de produção de óleos essenciais, dois investimentos industriais, de relevante dimensão, correspondente no seu conjunto a mais de 16 milhões de euros de investimento privado, apoiados pelo COMPETE2020 e CENTRO2020 respetivamente. A escolha de Figueiró dos Vinhos para acolherem estes investimentos é, não só, um reconhecimento do mérito, pertinência e sustentabilidade destes projetos, mas também, a prova da confiança que os investidores depositam no nosso concelho.

Felizmente, para todos nós, são muitos e bons os factos positivos que marcam o primeiro semestre deste ano. A conclusão da segunda fase do Percurso das Fragas de São Simão, reforçando-se, assim, um extraordinário empreendimento que tem atraído milhares de

visitantes e turistas a Figueiró; a assinatura do protocolo que irá tornar possível a criação do “Julgado de Paz”; a conclusão da reabilitação do edifício dos Paços do Concelho; e o lançamento da “primeira pedra” da Escola Profissional “Agostinho Roseta”, são uma realidade muito positiva para Figueiró dos Vinhos. Destas, destaco a Escola Profissional que constitui um verdadeiro marco no nosso concelho, porque corresponde a um desejo há muito esperado. Esta Escola Profissional vai, finalmente, ser uma realidade e irá reforçar a oferta formativa do nosso concelho, atraindo mais alunos e dando

resposta a uma necessidade de qualificação dos jovens, preparando-os para um futuro cada vez mais exigente.

Preparar o nosso futuro coletivo, persistir, acreditar e lutar, diariamente, por Figueiró dos Vinhos é um papel que a todos cabe.

Vamos a isso!

“

MESMO NUM CENÁRIO DE NÃO NORMALIDADE E INCERTEZA QUE A PANDEMIA PROVOCA, VER, A TÍTULO DE EXEMPLO, DOIS INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS, UM PRESTES A INICIAR-SE E OUTRO EM PLENA CONSTRUÇÃO, DEIXA-NOS, NATURALMENTE, MUITO SATISFEITOS.

”



Jorge Manuel Fernandes de Abreu

Presidente da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos



FAMÍLIAS JÁ TÊM NOVO APOIO SOCIAL: FIGUEIRÓ CUIDA+, UM REGULAMENTO DE INCENTIVO À NATALIDADE E À FIXAÇÃO DE PESSOAS NO CONCELHO

As famílias de Figueiró dos Vinhos têm, agora, um novo apoio destinado a incrementar e reforçar as políticas de intervenção social já existentes no concelho. Aprovado, em Reunião de Câmara de abril, o novo **Regulamento Municipal de Apoio à Família - Figueiró Cuida+** é dirigido a todos os indivíduos ou agregados familiares residentes e recenseados no município figueiroense e pretende combater as diversas desigualdades e dificuldades sociais, ao mesmo tempo que irá implementar medidas de apoio e incentivos, especificamente dirigidos às famílias, cujo papel na comunidade é insubstituível, e que, atualmente, se debatem com limitações de recursos, sobretudo ao nível financeiro. Concebido

como um instrumento único, o novo Regulamento abrange dois grandes planos de intervenção social: por um lado, visa estruturar mecanismos de incentivo à natalidade e apoio à infância e às famílias, criando incentivos de apoio à fixação das pessoas no território, que permitam diminuir os fatores associados à reduzida taxa de natalidade e os custos associados à parentalidade; e por outro lado, visa, ainda, reduzir as desigualdades e dificuldades no acesso à Educação Pré-Escolar e aos Cuidados para a Infância, tão fundamentais para o desenvolvimento afetivo, físico e intelectual das nossas crianças, futuros adultos, de forma a garantir a igualdade de oportunidades e, por consequência, uma melhor qualificação da população.

O **Figueiró Cuida+**, que deve ser requerido anualmente nos serviços da Câmara Municipal, contempla, assim, cinco novos apoios destinados a famílias figueiroenses sem apoios semelhantes:

- **COMPARTICIPAÇÃO NA AQUISIÇÃO DE MEDICAMENTOS** na parte não comparticipada pelo serviço nacional de saúde, prescritos com receita médica, até ao valor máximo anual de 100,00 €, por agregado familiar;

- **COMPARTICIPAÇÃO NO PAGAMENTO DA MENSALIDADE DE CRECHE DO CONCELHO**, entre 25 % a 100 %, paga diretamente pelo Município de Figueiró dos Vinhos às entidades/instituições gestoras da creche;

- **INCENTIVO À NATALIDADE** sob a forma de reembolso das despesas efetuadas com a aquisição de bens e/ou serviços considerados indispensáveis ao desenvolvimento saudável e harmonioso da criança (consultas médicas, medicamentos, artigos de higiene, puericultura, mobiliário, equipamento, alimentação, vestuário e calçado), num valor até 1.500,00 €;

- **COMPARTICIPAÇÃO NA VACINAÇÃO NÃO INSERIDA NO PLANO NACIONAL DE VACINAÇÃO** sob a forma de reembolso das despesas com a aquisição das respetivas vacinas, destinadas a crianças até aos 36 meses de idade;

- **APOIO AO ARRENDAMENTO URBANO** nos contratos com duração mínima de um ano, sob a forma de reembolso, até ao montante máximo de 300,00 € (trezentos euros) por ano.

Proposto pelo Presidente Jorge Abreu, este novo apoio surge no âmbito das competências próprias da Câmara Municipal, enquanto entidade pública que se pauta pela intervenção e promoção de políticas sociais e mecanismos que visam melhorar a qualidade de vida dos seus munícipes, reconhecendo a família como espaço privilegiado de solidariedade intergeracional e promovendo, consequentemente, ainda neste contexto, o comércio local.

O Município acredita vivamente que o crescimento económico sustentado, que se deseja para o concelho de Figueiró dos Vinhos, só terá uma real dimensão e ex-

pressão potenciando condições à fixação das pessoas, apoio às pessoas e famílias em situação de vulnerabilidade social e à sua mobilidade no território, sempre com o objetivo último de promover a melhoria da qualidade de vida das famílias. Numa época particularmente difícil e de muitos desafios, devido à situação pandémica atual, o **Figueiró Cuida+** vem, deste modo, reforçar ainda mais as medidas já existentes, mitigando os efeitos negativos ocorridos ao oferecer um apoio eficaz e mais imediato às famílias do concelho.

**FAZUNCHAR
DISTINGUIDO
COM SELO DE
QUALIDADE
EUROPEU –
EFFE LABEL
2019-2020**



FAZUNCHAR, o Festival de Arte Urbana de Figueiró dos Vinhos, promovido pelo Município de Figueiró dos Vinhos, com curadoria e coorganização da MISTAKER MAKER | Plataforma de Intervenção Artística, recebeu, este ano, o selo de qualidade atribuído a Festivais Europeus, o EFFE Label 2019-2020 (prologando até 2021 devido ao contexto pandémico atual).

O EFFE – Europe for Festivals, Festivals for Europe (“Europa para os Festivais, Festivais para a Europa”), é uma iniciativa da European Festivals Association – EFA (Associação Europeia de Festivais) com o apoio da Comissão Europeia e Parlamento Europeu. A organização já atribuiu o Selo de Qualidade a mais de 800 festivais de arte por toda a Europa, que se distinguem, não só pela sua ampla riqueza artística nacional e internacional, mas também pelo envolvimento da e na comunidade onde se inserem e realizam, bem como a sua abertura à Europa.

Além de estar inserido na realidade artística, cultural e social europeia, os eventos que solicitam a concessão deste selo de qualidade têm de satisfazer 7 dos seguintes requisitos:

- ▶ Apresentar um programa artístico coerente e com curadoria;
- ▶ Apoiar o desenvolvimento artístico em curso (como por exemplo oferecer residências a artistas, contribuir para novas criações, apoiar a investigação artística, entre outros);
- ▶ Oferecer oportunidades a artistas emergentes ou inovadores para criarem ou serem apresentados ao público;
- ▶ Estar enraizado na sua comunidade local, promovendo conexões locais no programa e entre os artistas / performances (o festival envolve artistas locais, bem como o público local em seus projetos);
- ▶ Aumentar o acesso à cultura e atrair públicos diversos (origens socioeconómicas, grupos de idade, géneros, culturas, entre outros);

- ▶ Ser sustentável (meio ambiente, economia, modelos de negócios, impactos sociais, entre outros);
- ▶ Fomentar a adaptação, o estímulo e promoção de experiências interculturais entre o público e os artistas;
- ▶ Reconhecer a inclusão como um princípio e prática fundamental;
- ▶ Investir em inovação e capacitação;
- ▶ Envolver o público, por exemplo, por meio de programas educacionais.

O Selo agora atribuído ao festival de arte figueirense coloca-o, automaticamente, a concurso na próxima edição dos Prémios EFFE, ao mesmo tempo que o coloca no circuito de Festivais Europeus, tanto através da sua inclusão no site festivalfinder.eu, bem como fazendo parte da campanha de promoção internacional da EFFE, em conferências de imprensa e atividades nacionais do selo EFFE, tendo, igualmente, acesso a uma rede internacional de Festivais e podendo, ainda, se a evolução da pandemia o permitir, estar presente no próximo Arts Festivals Summit, o evento anual de networking mais importante para criadores de festivais na Europa, organizado pela EFA.

O reconhecimento europeu dado ao FAZUNCHAR confere, orgulhosamente, um grande prestígio internacional ao nosso festival, ao nosso concelho, à nossa comunidade e, em particular, à arte que se torna essencial na preservação da história, da cultura e do património deste território, do interior do país, da identidade portuguesa no mundo.



EFFE Label



European Festivals Association – EFA
(Associação Europeia de Festivais)

MUNICÍPIO COM CANDIDATURAS APROVADAS AO PROGRAMA DE APOIO À MOBILIDADE ELÉTRICA

FUNDO AMBIENTAL

O Fundo Ambiental aprovou, no passado mês de fevereiro, duas candidaturas do Município, no âmbito do Aviso n.º 20226/2019 – 3.ª fase do Programa de Apoio à Mobilidade Elétrica na Administração Pública – financiamento da aquisição de 600 veículos elétricos.

As candidaturas, realizadas face às necessidades inventariadas do estado de conservação, ineficiência e gastos de manutenção de algumas viaturas da autarquia, possibilitarão a aquisição, em leasing, de dois veículos ligeiros elétricos e dos postos de carregamento associados, no cumprimento das regras do programa de financiamento das candidaturas e implicando, simultaneamente, o abate de dois veículos antigos com gastos de manutenção associados muito elevados.

" (...) MAIS UM PASSO NO SENTIDO DE FAZER FACE ÀS NOVAS COMPETÊNCIAS A ASSUMIR NUM FUTURO PRÓXIMO (...)"

Na aquisição de cada Veículo Elétrico, cujo encargo previsível é de cerca de 28 mil euros, o financiamento atribuído é de cerca de 50 %, traduzido no apoio de 250 euros mensais no valor da renda mensal, decorrente da celebração do contrato de leasing, pelo período definido de 48 meses. Já a aquisição dos dois postos de carregamento associados tem, também, um financiamento atribuído de 50 %, até um valor global máximo de 4 mil euros.

O Município dá, desta forma, mais um passo no sentido de fazer face às novas competências a assumir num futuro próximo, obtendo recursos básicos através de soluções inovadoras, associadas a menores encargos de manutenção e custos ambientalmente mais reduzidos.





BOMBEIROS COM NOVA AMBULÂNCIA OFERECIDA PELO MUNICÍPIO

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Figueiró dos Vinhos recebeu, no passado mês de março, das mãos do Presidente da Câmara Municipal, as chaves de uma nova ambulância.

A necessidade deste veículo de socorro e emergência, que vinha a ser sentida e que se veio a agravar com a evolução pandémica atual, chegou ao conhecimento do Município através de um apelo realizado pela direção da própria corporação.

Numa rápida resposta, deliberou a Câmara Municipal assumir o financiamento no valor de 46.828,28 €, destinada exclusivamente a apoiar os encargos inerentes à aquisição da ambulância adequada para colmatar as necessidades emergentes desta Associação Humanitária.

Assim, numa cerimónia simbólica e simples, foi entregue, àquela corporação, as chaves da viatura, como forma de apoio e agradecimento a um tão nobre grupo de voluntários que continua, incansavelmente, a colocar a saúde e a vida do próximo em primeiro lugar.



COMPLEXO EMPRESARIAL SONUMA INAUGURADO

A inauguração da nova área empresarial teve lugar a 5 de maio e realizou-se de forma simbólica, com um número limitado de entidades presentes, respeitando todas as medidas de segurança e higiene indicadas pela DGS face à Pandemia COVID-19, situação responsável, inclusivamente, pelo cancelamento de uma data definida anteriormente para esta cerimónia.

O evento contou, deste modo, com a presença da Ministra da Coesão Territorial, Professora Doutora Ana Abrunhosa, da Presidente da CCDRC, Dr.^a Isabel Damasceno, representantes dos fundadores da antiga empresa SONUMA e os atuais empresários das sete empresas, agora ali fixadas, entre outras entidades.

Os tradicionais discursos abriram a sessão inaugural, primeiramente com o Presidente da Câmara de Figueiró dos Vinhos, Jorge Abreu, ao qual se seguiu a Presidente da CCDRC, Dr.^a Isabel Damasceno, que teceu elogios à obra ali realizada classificando-a como uma *“intervenção inteligente e uma forma muito útil de aplicar os fundos comunitários, transformar um espaço que aqui estava, que não foi criado do zero, e fazer aquilo que realmente foi inovador”*. Durante a sua intervenção, a Presidente da CCDRC felicitou, igualmente, a *“preocupação da conservação da fachada principal, que é uma memória e algo que marcou a entrada na terra (...) e a preocupação do Sr. Presidente e do executivo de querer marcar a memória da família que criou este espaço, que*



Cofinanciado por:



**“DEVOLVER A FIGUEIRÓ DOS VINHOS A SONUMA,
UMA SONUMA TRANSFORMADA, MAS UMA
SONUMA QUE CONTINUA A CUMPRIR O SEU
OBJETIVO, QUE É CRIAR RIQUEZA NO TERRITÓRIO,
CRIAR EMPREGO, PROMOVER
O DESENVOLVIMENTO NO TERRITÓRIO”**

Ministra Ana Abrunhosa



foi de certeza importante para atividade económica de Figueiró dos Vinhos”. Ideias que foram fortemente corroboradas pela Ministra da Coesão Territorial, Professora Doutora Ana Abrunhosa, que congratulou o Município pela transformação do espaço, bem como a audácia dos empresários que ali se estão a fixar.

No seu discurso, a Ministra Ana Abrunhosa, também, não esqueceu os fundadores da SONUMA e agradeceu ao Sr. Presidente do Município por “*devolver a Figueiró dos Vinhos a SONUMA, uma SONUMA transformada, mas uma SONUMA que continua a cumprir o seu objetivo, que é criar riqueza no território, criar emprego, promover o desenvolvimento no território*”.

A implementação do Complexo Empresarial SONUMA surgiu na sequência da aprovação, em 2017, de uma Candidatura da Câmara Municipal ao CENTRO2020, tendo sido comparticipada pelo FEDER, no âmbito do Eixo 2 - Competitividade e internacionalização da economia regional (COMPETIR), com um Investimento Elegível de 1.073.151,79 euros e uma comparticipação do CENTRO2020 de 912.179,02 euros. O encargo não comparticipado pelo CENTRO2020 foi financiado pelo BEI ao abrigo da Linha BEI PT 2020 | Autarquias - Contrapartida Nacional de Projetos do Portugal2020.



A cerimónia terminou com uma breve visita às instalações, logo após o tradicional descerramento da Placa de Inauguração e de uma Placa de Homenagem aos fundadores que deram origem ao nome SONUMA, a antiga empresa de recauchutagem que se firmou naquele que é agora um espaço renovado e potencializador da economia do concelho.

Este dia marcou, sem dúvida, a inauguração de uma moderna Área de Acolhimento Empresarial, que já se revelou de grande importância para a região, dotada de excelentes condições para as empresas desenvolverem a sua atividade, estando já todos os 7 espaços existentes atribuídos a empresas, as quais se encontram ou em laboração ou em fase de realização de trabalhos de instalação.

O Município acredita, vivamente, que o Complexo, que agora encheu de nova cor a entrada de Figueiró dos Vinhos, será exemplo a seguir de um espaço dinamizador da economia e do desenvolvimento do concelho, contribuindo para a promoção do emprego, da geração de riqueza e da captação de investimento.

"(...) COMPLEXO, QUE AGORA ENCHEU DE NOVA COR A ENTRADA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS, SERÁ EXEMPLO A SEGUIR DE UM ESPAÇO DINAMIZADOR DA ECONOMIA E DO DESENVOLVIMENTO DO CONCELHO (...)"

OBRAS
MUNICIPAIS

OBRAS MUNICIPAIS



“PAVIMENTAÇÃO DO CAMINHO FLORESTAL POEIRO/ CASAIS FUNDEIROS – FREGUESIA DE AREGA”

As obras de requalificação e beneficiação nesta via iniciaram-se em junho e dotarão aquela via de melhores condições de mobilidade e segurança.



FRAGAS DE SÃO SIMÃO CRIAÇÃO DE NOVAS ZONAS DE ESTACIONAMENTO

O Município, tendo em conta a afluência de visitantes a esta zona turística, intervencionou o parque de estacionamento existente, criando uma maior e melhor área disponível para todos os seus utilizadores.



REABILITAÇÃO DO MERCADO MUNICIPAL DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Iniciada em outubro 2020, foi concluída a obra de requalificação do Mercado, melhorando as acessibilidades, as condições de trabalho dos produtores e a exposição dos produtos, resultado da aprovação de uma candidatura pelo PDR2020.

AMPLIAÇÃO DO CEMITÉRIO DA VILA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

As obras de expansão do cemitério decorrem a bom ritmo e irão permitir a implementação de uma nova área de 2.400,00 m².





Co-financiado por:



BENEFICIAÇÃO DE PERCURSO – RUA MAJOR NEUTEL DE ABREU

A requalificação deste percurso permitirá melhorar o acesso, sobretudo pedonal de cidadãos com mobilidade reduzida, ao centro da vila.

AREGA - REABILITAÇÃO DO PASSADIÇO DA FOZ DE ALGE JÁ É UMA REALIDADE

É bem antigo o Passadiço, situado na lindíssima Foz de Alge, ali instalado em 2005, e que permite uma vista privilegiada sobre a albufeira onde a ribeira de Alge e o rio Zêzere confluem.

O percurso, que já evidenciava sinais de degradação, está a ser recuperado após aprovação de uma candidatura, apresentada pelo Município de Figueiró dos Vinhos, ao PDR2020 na Medida “Renovação de Aldeias”, medida especificamente direcionada para a valorização do património e revitalização de aldeias. A entidade gestora do PDR2020, reconhecendo o mérito desta candidatura, aprovou uma comparticipação de **14.543,52 euros** (80%) através do LEADER (FEADER) para um investimento elegível de **18.179,40 euros**, que permitirá renovar e melhorar este espaço.

Situado na Freguesia de Arega, concretamente sobre a zona fluvial onde a ribeira de Alge e o rio Zêzere confluem, o Passadiço da Foz de Alge faz parte da Grande Rota do Zêzere, uma importante rota multimodal, posteriormente criada, de 370 km feitos ao longo do rio Zêzere.

Permitindo uma vista sobre toda a albufeira, este Passadiço, de cerca de 300 m, integra-se perfeitamente na paisagem, num local de especial interesse turístico muito procurado, não só pelas ofertas de lazer disponíveis, tais como a zona de estar da Foz de Alge (Cova da Eira), a Pista de Pesca Desportiva, o Clube Náutico, o Parque de Campismo, mas também pelo património natural associado ao rio Zêzere e à aldeia de Foz de Alge, que tem, ainda, um conjunto de casas de traça antiga, um lavadouro recuperado e traços de ruralidade sempre muito apreciados pelos visitantes e turistas.

A intervenção em curso inclui a beneficiação do pavimento e vedação em madeira, uma curta ampliação desta, a implementação de guardas em madeira e de abrigo de passageiros, a colocação de estruturas de informação turística, entre outros trabalhos de requalificação.

O Município acredita, vivamente, que a tão necessitada e esperada reabilitação do Passadiço da Foz de Alge permitirá, certamente, o engrandecimento de uma das mais bonitas zonas do nosso concelho, contribuindo, inerentemente, para o próprio crescimento e dignificação turística de Figueiró dos Vinhos.



"A INTERVENÇÃO EM CURSO INCLUI A BENEFICIAÇÃO DO PAVIMENTO E VEDAÇÃO EM MADEIRA, UMA CURTA AMPLIAÇÃO DESTA, A IMPLEMENTAÇÃO DE GUARDAS EM MADEIRA E DE ABRIGO DE PASSAGEIROS, A COLOCAÇÃO DE ESTRUTURAS DE INFORMAÇÃO TURÍSTICA, ENTRE OUTROS TRABALHOS DE REQUALIFICAÇÃO."



SECRETÁRIO DE ESTADO VISITA POSTO AQUÍCOLA DE CAMPELO



O Secretário de Estado da Conservação da Natureza e do Ordenamento do Território, Eng.º João Paulo Catarino, esteve em Campelo, no passado mês de junho, numa visita de trabalho às obras em curso no Posto Aquícola.

A visita incluiu a apresentação do projeto “CRER - Adaptação do posto aquícola de Campelo para Criação Experimental de Trutas Assilvestradas”, aprovado pelo MAR 2020, no âmbito do ALJIA – Plano de Desenvolvimento Integrado da Ribeira de Alge.

O projeto visa, no seu todo, a **intervenção física no espaço com obras de adaptação e reestruturação** tornando, por um lado, o seu funcionamento mais sustentável e, por

outro lado, permitindo a constituição de um **Centro de Reabilitação de Ecossistemas Ribeirinhos**, o qual desenvolverá um projeto-piloto, pioneiro à escala nacional e internacional, direcionado para a criação experimental em viveiro de trutas assilvestradas, para posterior repovoamento de cursos de água.

Além deste importante projeto de gestão e conservação das espécies com elevado impacto ambiental a nível nacional, contempla, ainda, a promoção da **sensibilização ambiental**, através da divulgação dos resultados e da transferência dos conhecimentos obtidos no projeto. Neste sentido, será criado, também, um **espaço de visita para estudantes, turistas e comunidade científica**, o que tornará este Posto Aquícola, um dos poucos existentes em Portugal, num dos futuros pontos turísticos do concelho de grande relevância a nível nacional e internacional.

A reabilitação deste Posto Aquícola, que se encontra inativo há vários anos, tem um investimento total aprovado de 1.081.747,73 €, com um apoio financeiro de 811.310,81 € (75 %) através do Programa Operacional MAR2020, e prevê-se que esteja em pleno funcionamento no verão de 2022.

Co-financiado por:



DIA DO CONCELHO

COM DUPLA CELEBRAÇÃO

O 24 de junho deste ano ficou marcado, não só pela inauguração da obra de “Beneficiação do Edifício dos Paços do Concelho”, bem como pela cerimónia de lançamento da Primeira Pedra da Escola Profissional Agostinho Roseta.

Os dois simbólicos atos e a habitual Sessão Solene da Assembleia Municipal do Dia do Concelho contaram com a presença de Sua Excelência a Ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, Dr.^a Ana Mendes Godinho, entre outras entidades.

HASTEAR DA BANDEIRA

O dia iniciou-se, pelas 10h00, com o tradicional Hastear da Bandeira, contando com um número restrito de entidades durante aquele que é o ato mais emblemático desta celebração figueiroense.

SESSÃO SOLENE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

A Sessão Solene do Dia do Concelho decorreu na Casa da Cultura, onde foram entregues 9 Medalhas de Bons Serviços do Concelho, atribuídas a funcionários municipais pela demonstração de comprovado zelo, competência e dedicação nos serviços a seu cargo.



A Ministra Ana Mendes Godinho, por sua vez, foi convidada a assinar o Livro de Honra de Figueiró dos Vinhos, onde deixou a seguinte mensagem:

“Volto a Figueiró dos Vinhos para buscar a inspiração e o oxigénio de um território que se reinventa permanentemente e que olha o futuro com esperança.

Depois dos Passadiços das Fragas de São Simão, que colocaram Figueiró no mapa turístico, hoje lançamos as bases da escola profissional, que será o pilar do futuro dos nossos jovens.

Viva Figueiró!”



DESCERRAR DA PLACA ALUSIVA À OBRA DE “BENEFICIAÇÃO DO EDIFÍCIO DOS PAÇOS DO CONCELHO”

A requalificação da Câmara Municipal, iniciada em 2020, permitiu, não só promover a eficiência energética do edifício, mas também devolver-lhe as suas cores originais.

A recuperação do tom original da fachada e das janelas, aprovada pela Direção-Geral do Património Cultural, contou com a importante colaboração técnica da historiadora figueirense, Dr.^a Margarida Herdade Lucas, profunda conhecedora da História e Cultura do concelho de Figueiró dos Vinhos. A bem conhecida professora, e autora de inúmeros estudos de promoção e valorização da cultura e história da nossa região, tem vindo a contribuir de forma inigualável em projetos municipais de reabilitação de locais ou artefactos importantíssimos na cultura e vivência do concelho e das suas gentes. Exemplos deste imprescindível apoio são, também, a reconstrução do Jardim de Cima à imagem do original e a recente inaugurada Igreja Matriz de São João Baptista, que foi objeto de intervenção e restauro quer ao nível arquitetónico quer ao nível de património artístico.



LANÇAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA DA ESCOLA PROFISSIONAL AGOSTINHO ROSETA

O tão aguardado momento contou, não só com a presença de Sua Excelência a Ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, Dr.ª Ana Mendes Godinho, mas também com Luís Azinheira, Presidente da Associação Agostinho Roseta.

A instituição privada, sem fins lucrativos, proprietária e gestora da Escola Profissional com o mesmo nome e já com vários núcleos de ensino em todo o país, implementará o novo Polo de Ensino no antigo edifício da EDP, espaço que esteve devoluto durante 20 anos.

A instalação, no nosso concelho, desta Escola Profissional, para além de visar a fixação dos jovens com o alargamento da oferta de ensino profissional e de formação especializada, também objetiva a realização de projetos de intervenção e apoio social, nomeadamente direcionados ao público sénior.



CANDIDATURA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS APROVADA NO PROGRAMA “BAIRROS SAUDÁVEIS”

A 14 de maio foram tornados públicos os resultados definitivos do Programa *Bairros Saudáveis*, um programa de financiamento que despertou um vivo interesse medido, também, pelas 774 candidaturas que foram apresentadas em todo o país e das quais apenas 246 foram aprovadas.

A candidatura apresentada pelo concelho de Figueiró dos Vinhos, “Casas do Bairro... com Dign(IDADE)”, foi uma das aprovadas com um valor de investimento de 49.832 euros financiados a 100 %, tendo ficado hierarquizada no 36.º lugar.

“Casas do Bairro ... com Dign(IDADE)” resulta de uma parceria entre o Município de Figueiró dos Vinhos, Santa Casa da Misericórdia de Figueiró dos Vinhos (entidade promotora) e Terratividade – Associação Recreativa e Cultural, e permitirá a intervenção em 6 habitações da vila de Figueiró dos Vinhos.

“(...) INVESTIMENTO DE 49.832 EUROS FINANCIADOS A 100 %, TENDO FICADO HIERARQUIZADA NO 36.º LUGAR... NO CONJUNTO DE 236 APROVADAS.”

A apresentação desta candidatura surgiu da iniciativa do Município na criação da ideia do projeto, não só através do levantamento das situações de efetiva carência, mas também em todo um trabalho de construção da candidatura com as entidades parceiras, entidades estas imprescindíveis para a sua apresentação, e que de imediato a abraçaram e se disponibilizaram para a sua concretização. Serão, ainda, os serviços técnicos do Município que acompanharão as intervenções e a operacionalização do programa. Os trabalhos de intervenção nas referidas habitações, que terão de estar concluídos até ao final do mês de abril de 2022, possibilitarão, assim, a resolução de situações de efetiva necessidade, enquadrando-se na Estratégia Local de Habitação do Município de Figueiró dos Vinhos.

O Programa Bairros Saudáveis foi criado após aprovação em Conselho de Ministros de 25 de junho de 2020 e funciona como instrumento participativo que promove iniciativas de saúde, sociais, económicas, ambientais e urbanísticas junto das comunidades locais mais atingidas pela pandemia, ou por outros fatores que afetam as suas condições de saúde e bem-estar.

JULGADO DE PAZ NO CONCELHO JÁ É UMA REALIDADE VAI SER UMA REALIDADE

FIGUEIRÓ DOS VINHOS FOI O MUNICÍPIO ESCOLHIDO PARA ACOLHER A SECÇÃO DO JULGADO DE PAZ DO AGRUPAMENTO DOS CONCELHOS DE ALVAIÁZERE, ANSIÃO, FIGUEIRÓ DOS VINHOS, PEDRÓGÃO GRANDE E PENELA E A SUA IMPLEMENTAÇÃO TORNOU-SE UMA REALIDADE NO PASSADO MÊS DE MAIO, AQUANDO DA ASSINATURA DO PROTOCOLO QUE PERMITE A INSTALAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DESTE SERVIÇO.

Os Julgados de Paz constituem uma rede de tribunais in-comuns de proximidade, instalados e a funcionar em estreita cooperação entre o Estado e os Municípios, visando a mediação e resolução de conflitos de natureza cível, cujo valor não exceda os 15.000 € (excluindo as que envolvam matérias de Direito da Família, Direito das Sucessões e Direito do Trabalho), de uma forma mais simples e sem a necessidade de recorrer aos tribunais comuns.

A celebração deste protocolo, entre o Estado e os referidos Municípios, foi, assim, um passo importante, não só para o concelho, mas para toda a região envolvente no alcance de uma justiça mais célere, mais simples e mais próxima dos cidadãos. O evento teve lugar no Museu e Centro de Artes de Figueiró dos Vinhos e, além dos Presidentes de Câmara

dos cinco Municípios que constituem este Agrupamento, contou com a presença da Secretária de Estado da Justiça, Dr.^a Anabela Pedroso; do Diretor-Geral da Política de Justiça, Dr. Jorge Costa; do Presidente do Conselho dos Julgados de Paz, o Juiz Conselheiro jubilado Dr. Vítor Gonçalves Gomes; e do Secretário-Geral do Conselho dos Julgados de Paz, Dr. João Martins, entre outras entidades.

Jorge Abreu, Presidente da Câmara, agradeceu a todos os intervenientes a possibilidade de concretizar este projeto que prevê entrar *“em pleno funcionamento num muito curto espaço de tempo”* e acredita ser *“mais um passo no sentido de uma justiça mais ágil, transparente, garantindo sempre a proteção dos direitos individuais, sobretudo dos cidadãos que dela mais carecem; uma justiça mais próxima dos cidadãos,*

respondendo às reais necessidades das pessoas e na humanização da justiça, valorizando os recursos materiais e imateriais, dignificando o sistema de justiça, pilar fundamental de garantia de funcionamento de todo o nosso sistema democrático". Uma ideia partilhada, igualmente pela Secretária de Estado da Justiça, Dr.ª Anabela Pedroso, para quem a sessão de 27 de maio se revestiu de particular significado, uma vez que, este ano, se celebra o 20.º aniversário da implementação do primeiro Julgado de Paz em Portugal. Na sua intervenção, a Secretária de Estado da Justiça, frisou a importância desta instituição e do seu papel, afirmando que "a razão de estarmos aqui, o facto de estarmos a celebrar este protocolo é significativamente importante para aquilo que é o essencial: a justiça tem que ser para todos, tem que ser acessível, a justiça tem que ser, até, compreendida pelos cidadãos, às vezes nem sequer o é. E é essa componente de agilidade naquilo que puder ser, naquilo que é, também, a transparência e naquilo que é a compreensão e a proximidade junto das pessoas, é isto que nos identifica como nação democrática. E é este um dos aspetos essenciais e, por isso, em bom momento, me junto a vós com muito orgulho, com muita honra". Anabela Pedroso terminou o seu discurso,

agradecendo, não só, aos Presidentes de Câmara e demais entidades envolvidas neste projeto, mas também e particularmente, ao autarca figueirense Jorge Abreu, pela sua disponibilidade e persistência constantes que contribuíram, ativamente, para que o Julgado de Paz em Figueiró dos Vinhos fosse uma realidade. "Sr. Presidente, Senhora e Senhores Presidentes, obrigado. Acho que sem vós não conseguiríamos de todo fazer aquilo que estamos a fazer, assinar um protocolo, iniciar uma nova etapa dos Julgados de Paz. E, acima de tudo, também o reconhecimento de servir a causa pública, e é por isso que, também, temos aqui os nossos órgãos da gestão das comarcas, temos aqui os órgãos autárquicos, temos aqui os nossos órgãos policiais. Estamos todos juntos com o mesmo objetivo. Por isso, Sr. Presidente, Senhora e Senhores Presidentes muito obrigada!"

Após a assinatura protocolar, os presentes puderam visitar e conhecer as exposições do Museu e Centro de Artes, terminando com uma breve visita às futuras instalações do novo Julgado de Paz, situadas no edifício do Tribunal de Figueiró dos Vinhos.





ENTREVISTAS

FIGUEIRÓ É CONCELHO ENRIQUECIDO PELO EMPREENDEDORISMO AGRO-FLORESTAL



Figueiró dos Vinhos situa-se numa região imensamente rica na sua biodiversidade, sendo marcado, simultaneamente, pela ligação, muito emocional, das suas gentes à terra, à natureza, e a tudo o que ela oferece.

Quase naturalmente surge o ímpeto de muitos figueiroenses cuidarem da terra como se cuidassem de si próprios, do seu passado e do seu futuro.

É assim que vão surgindo, por cá, empreendedores que carregam consigo o sonho de valorizar, preservar e levar mais além este concelho, o seu amor pela terra e pela sustentabilidade do planeta.

No início de 2020, a **EmFoco** foi conhecer alguns destes empreendedores figueiroenses. Já este ano, estivemos com um empresário lisboeta, que não tendo qualquer ligação a Figueiró, decidiu implementar o seu novo negócio por cá.

Agora, a **EmFoco** traz até si os projetos, as venturas, o caminho, os sonhos que fomos encontrando nestas conversas, informais, mas tão cheias de paixão, perseverança, coragem e muito amor pelo nosso concelho, pelas nossas gentes e pela nossa natureza.



ENTREVISTA

ANA CATARINA PEREIRA



“

**O SEGREDO É A ALMA
DO NEGÓCIO**

”

Identificação do Produtor

Ana Catarina Pereira

Produto

Morango e outros frutos e legumes

Local

Quinta da Fonte das Freiras

Área de Plantação

1 hectare

Quantidade de pés

8000

Início de Atividade

2016

Tipo de Atividade

“Negócio Familiar”

Conheça melhor
este negócio AQUI.



QUINTA DA FONTE DAS FREIRAS

MORANGOS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

A jovem Ana é a personificação de que a vida nos traz muitas surpresas e nos guia por caminhos que nunca escolheríamos por vontade própria. O sonho de fazer um curso em Comunicação foi substituído, sem aviso prévio, por um que considera agora muito maior e do qual não abdicaria facilmente. Trabalhar a terra tornou-se uma paixão que aconselha a todos.



P. Quando se vê uma jovem da tua idade enveredar pela agricultura, pura e dura, pergunta-mo-nos sempre, porquê? Porquê começar um projeto destes numa era de tecnologias e onde os sonhos da geração mais nova, normalmente, levam-nos para profissões menos rústicas?

R. Eu, quando estava a acabar o 12.º ano, queria algo sobre comunicação, marketing, relações públicas. E depois surgiu isto, também porque engravidei e estava

em casa sozinha, sem fazer nada e já me estava a cansar, depois a minha avó morreu e isto estava ao abandono... e então também me dediquei um bocadinho a isto! O terreno é dos meus tios e eles deram-me uma cedência de agricultura e tenho que lhes agradecer por isso, até me ajudam, o meu tio ajuda-me muito.

P. A Ana começou tudo de início?

R. Sim, foi a minha sogra que me impulsionou... Eu não sabia fazer

nada... eu era menina da vila eu não sabia fazer nada, para mim pegar nesta tesoura era 'o que é que eu vou fazer com isto'... os meus sogros já cultivavam morangos e também vendiam muito...

P. Tem ideia da produção que consegue já ter para fornecimento ao público?

R. Não tenho ideia, já tentei, mas não consegui. Os morangos começam mais ou menos a dar em maio/junho até final de verão, mais ou menos, setembro/outo-

bro/ depois depende do tempo, tivemos um ano que conseguimos ter morangos quase até dezembro, mas no ano passado, por exemplo, só conseguimos ter até fim de outubro. Este verão, conseguimos ter, por exemplo uma semana a sair entre 100 a 150 caixas de morangos, como na semana a seguir só temos 10 ou 15... nunca temos um valor certo do que conseguimos vender... ou chove, ou há humidade durante a noite e apodrecem, e depois temos por exemplo o alto verão, e queimam. O morango é um fruto muito sensível. Tentámos fazer um projeto para fazer estufas, que foi aceite, mas não seguimos para a frente, porque pediam muitos requisitos e as vantagens não eram assim tão boas, por isso tentámos fazer por nossa conta. Porque termos alguém atrás de nós, a questionar tudo o que fazemos ou pagarmos nós... pagamos nós, as estufas! Não nos compensa o dinheiro que nos dão para isso...

P. E o que é que diferencia o seu produto de outros que se vendem no mercado?

R. A qualidade sem dúvida, que se consegue com muito trabalho e dedicação... O morangueiro dá muito trabalho, mesmo no primeiro ano todas as semanas temos de andar de volta deles, e depois temos uma coisa má, que é o tempo, se chover estraga-se tudo. Mas também graças à variedade que nós conseguimos, através dos

“

A QUALIDADE SEM DÚVIDA, QUE SE CONSEGUE COM MUITO TRABALHO E DEDICAÇÃO...

”

meus sogros, senão não sabíamos o que plantar, há tanta qualidade de morangueiro, mas não vou dizer qual é! A minha sogra sempre disse “eu vou-te dizer, mas nunca digas a ninguém”. Nós tentámos no início pôr duas qualidades porque diziam que uma vinha mais cedo e outra mais tarde e conseguíamos ter mais ao longo do ano, mas não. A qualidade que nós temos consegue muito mais tempo do que as outras qualidades. Também não usamos produtos químicos para o morango, o morango não precisa de muitos produtos químicos, só se estiver a ser atacado por alguma praga, aí sim, tem de ser combatido por algum medicamento, mas fora isso deixamos crescer normalmente...

é quase um produto biológico, quase entre aspas, porque se houver alguma praga nós não recorremos a “produtos biológicos”, recorremos a pesticidas, mas só em caso de necessidade extrema, o que nunca nos tem acontecido...

P. Pelo que vejo, a plantação de morangos é o ex-libris, mas a quinta tem outros produtos. A vossa ideia é expandir além do morango?

R. A ideia é aumentar a plantação de morangos. Mas já plantámos árvores de fruto há dois anos, macieiras, pereiras, pessegueiros, clementinas, limoeiros, limas, só que ainda estão pequeninas. E temos ainda, nogueiras, castanheiros, mirtilos, oliveiras, medronheiros, cerejeiras, ameixieiras... temos um bocadinho de cada, estamos a começar a ter um bocadinho de cada. Era o que nós queríamos, queríamos começar a vender fruta nossa, mas ainda não dá.

Temos também tomates, pepinos, pimentos, alfaces, espinafres, grelos... No mercado (de Figueiró) vendo também as couves, que a maior parte vem da minha sogra, couves-portuguesas, os brócolos e as couves-flor...

Temos medronheiros também, que plantámos há um ano ou dois, e cerejeiras para ver se dá...

Basicamente plantamos para vender... Mas há aqui muita coisa para fazer ainda... Agora estamos na altura das limpezas, duas ou três vezes por ano temos que limpar





“

**PARA VENDER
AQUI EM FIGUEIRÓ
TEM DE SER EM
TERRA, O SABOR É
COMPLETAMENTE
DIFERENTE E AQUELE
VERMELHINHO...**

”

com o trator e fica muito dispendioso e, então, estamos a começar a fazer uma cerca para pôr ovelhas, para ver se limpam, pelo menos, a parte das arvoredinhas.

Eu queria expandir pelo menos a parte dos morangos! Eu até tenho a quem expandir, mas não tenho morangos para vender. No mercado abastecedor de Coimbra estão sempre a perguntar-me quando eu posso levar, mesmo as pessoas de Figueiró já me procuram e não há produto suficiente! É o que eu digo, às vezes há numa semana, mas na semana seguinte já não há e torna-se um bocado complicado eu conseguir dar a todos!

P. Este vosso projeto já é economicamente viável, já é algo que te dê lucro?

R. Quando os morangos são plantados no primeiro ano, não dão lucro por termos a fase de investimento. Mas quando vem o segundo e

terceiro ano de plantação, sim, dão lucro. Claro que não é uma coisa, ainda, para mim, que sou agricultora jovem, que dê para me sustentar o ano todo, mas dá lucro... mas também dá muito trabalho! Eu consigo, no verão, começar a apanhar às 8h30/9h da manhã e estar até às 8h30/9h da noite a apanhar ainda, e não consigo apanhar tudo sozinha, às vezes tenho de pedir ajuda porque não consigo.

P. A construção das estufas seriam uma boa aposta para aumentar essa produção e obter mais lucro?

R. Sim, a nível de maior produção e para expansão, agora para vender aqui em Figueiró tem de ser em terra, o sabor é completamente diferente e aquele vermelhinho... em estufa não ia atingir aquela cor. A qualidade (em estufa) ia diminuir, sem dúvida. Tem vantagens e desvantagens...

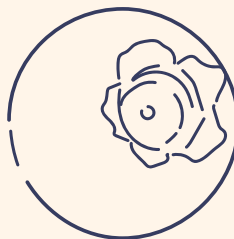
P. Na opinião da Ana é importante esta nova vaga de jovens agricultores?

R. Sim, até para melhorar tudo. Figueiró precisa mais disto, mesmo a nível pessoal, que é uma coisa nova e dá uma paz interior, até para o futuro... como costumam dizer "uma árvore vale por uma família se plantarem mais..."

P. E para as crianças também é importante este aproximar da génese do que a terra nos pode oferecer?

R. Sim, porque a maior parte não sabe de onde vem um ovo ou uma alface. E acho que é importante verem até a parte da flor (floração) e incentivá-los como me incentivaram a mim. No início não gostava nada e agora é uma paixão, até por me sentir livre, porque não tenho de ter horário e todas as vantagens superam as dificuldades!





“

**VALORIZAR E
PRESERVAR O QUE
É NOSSO**

”

Identificação do Produtor

Ricardo Graça

Produto

Mirtilo

Local

Quinta Fonte da Vida, Arega

Área de Plantação

1,1 hectares

Quantidade de pés

4500 pés

Produção anual

10 toneladas

Início de Atividade

2014

Tipo de Atividade

“Negócio Familiar”

QUINTA FONTE DA VIDA

MIRTILO

AREGA

Quinta familiar desde a sua fundação, no final do século XIX. Passada de geração em geração, encerra em si anos de memórias ligadas à agricultura. Hoje, é gerida pela família de Ricardo Graça. A família, que herdou parte e adquiriu o restante, tem como missão a produção agrícola integrada com vista à produção biológica total de qualidade, contribuindo, simultaneamente, para a preservação dos ecossistemas. Uma qualidade que já se vê por terras escocesas.

Conheça melhor
este negócio AQUI.





P. O Ricardo e a sua família, não têm ligação intrínseca à agricultura. Como é que surge, então, este projeto a que chamaram Quinta Fonte da Vida?

R. Foi uma ideia que surgiu depois de termos ficado com a quinta. A quinta foi parte adquirida e parte herdada. E acabou por surgir esta ideia de construir um projeto agrícola. Com o aumento da procura por parte dos consumidores de frutos vermelhos e da publicidade aos mesmos, pensamos em submeter um projeto para a plantação de 1 hectare de mirtilos, o que também nos foi sugerido pela entidade responsável pela

criação do projeto. Como no ano de submissão nenhum dos meus pais tinha entre 18 e 40 anos, decidimos submeter o projeto em meu nome, no ano de 2012, tendo vindo a ser aprovado no ano seguinte. Atualmente, ainda é uma exploração que não é economicamente viável. O que produzimos, gastamos em mão de obra, manutenção, produção.

P. Este projeto foi submetido, então, a fundos nacionais e europeus?

R. Sim, nacionais e europeus. Através de apoios no âmbito do Programa de Desenvolvimento Ru-

ral (PRODER), que acabou em 2013, contemplando um prémio de instalação e um apoio ao investimento de 60 % nas rubricas e investimentos aprovados. Atualmente, já não estamos ligados ao contrato firmado com o IFAP (Instituto de Financiamento da Agricultura e Pescas) no âmbito do PRODER, este acabou em junho de 2019.

P. A Quinta Fonte da Vida está em atividade, concluída a plantação, desde 2014, e num setor como o agrícola há sempre relatos de grandes dificuldades, sobretudo ao nível do clima e das pragas. Quais são os principais entraves da produção do mirtilo?

R. Por exemplo, temos aqui uma praga que é específica do mirtilo, *Drosophila Suzukii*. É uma mosquinha muito pequenina, tem os olhos vermelhos e coloca os ovos dentro do fruto. O ataque foi mais já no fim da colheita. E por isso é que nós colocámos estas armadilhas e elas ficam aqui nesta rede. A armadilha consiste em vinho branco, açúcar e vinagre de sidra. Temos também as intempéries. O ano passado (2019) tivemos problemas por causa do granizo, em que, num curto espaço de tempo, caíram muitas toneladas de granizo. O que acabou por ser uma vantagem foi a rede que aguentou o granizo. Andámos uns quinze dias a remendar e agora vieram estes ventos que acabaram por voltar a danificar.

Por vezes, aparecem os fungos, quando temos um clima muito instável, com sol-chuva. Esta instabilidade permite a incubação do fungo e torna-se mais complicado. No mirtilo, outro senão é a mão de obra. Ou seja, é uma apanha que exige muita mão de obra e é muito dispendiosa.

Tem de haver muita persistência e muito trabalho, pelo menos, semanal. Exige muito trabalho de observação, por exemplo, muitas vezes, nós só descobrimos as pragas se observarmos. E é diferente descobrir uma praga em fase inicial do que já em estado avançado, tem uma resolução mais fácil. A dificuldade passa por conseguir levar o produto com boa qualidade até à apanha.

P. Qualidade é realmente a missão a que se propõem. Neste momento, têm já a certificação GLOBALG.A.P. e Produção Integrada. O que é que a obtenção destes certificados vos exige?

R. Todos os anos somos submetidos a uma inspeção por parte de uma entidade certificadora para podermos ter as certificações necessárias para comercialização. Para isso são necessárias análises ao solo, água, folhas e fruto. No geral, não podemos pôr qualquer produto, não podemos usar praticamente nenhum herbicida e temos uma *checklist* que temos de cumprir de produtos a utilizar, especialmente fitofármacos. A maior parte dos produtos que nós utilizamos, podem ser utilizados em agricultura biológica.



“

**ESTAMOS SEMPRE
DEPENDENTES
DOS MERCADOS
INTERNACIONAIS.
POR EXEMPLO,
SE PORTUGAL
CONSEGUIR SER
O PRIMEIRO PAÍS
A METER PRODUTO
NO MERCADO,
ESSE PRODUTO
É VALORIZADO.**

”

A ideia é que no biológico não podemos usar nada de fitofármacos, não se pode utilizar sintéticos, mas podemos usar naturais, que é o que nós tentamos fazer.

P. Há pouco mencionou que o negócio ainda não é economicamente viável. Isso também se deve ao resultado destas inspeções?

R. Nós trabalhamos com uma cooperativa, a *BFruit*. No fim de cada entrega, vem um relatório minucioso em que diz como o fruto ia. Por exemplo, 3 % dos frutos iam com defeito, 5 % iam verdes. Ou seja, eles fazem uma subamostra, em que, por exemplo, em 1000 kg são capazes de analisar 10 kg e dessa amostra fazem a percentagem dos defeitos do produto. Consoante a percentagem de defeitos, consoante o preço, ou seja, o preço nunca é garantido. Eles (a cooperativa)

podem desclassificar em termos de preço. Esta avaliação serve apenas para classificar em relação ao preço do produto. Toda a parte de negócio é feita pela cooperativa. Este ano, exportámos para a Escócia.

Estamos sempre dependentes dos mercados internacionais. Por exemplo, se Portugal conseguir ser o primeiro país a meter produto no mercado, esse produto é valorizado. Agora, quando entra a Polónia ou a Espanha, mas principalmente a Polónia, o produto português é completamente esmagado e o preço pode descer cerca de 70 %. Por exemplo, a Espanha produz muitos hectares, tem mão de obra mais barata do que a portuguesa e a maior parte é mecanizado. No mercado, a maior parte é marroquino, embalado por empresas portuguesas. Ou seja, nós temos de tentar sempre ser os primeiros a produzir, mas, por vezes, é variável.



Por exemplo, se o clima está bom em Portugal, também estará bom em Espanha. E se Espanha entrar, abafa completamente o mercado português. A cooperativa tem vindo a desenvolver parcerias através da oferta de um produto certificado, em que o bem-estar das pessoas que trabalham é assegurado. Tentando valorizar esse produto e, de forma, a que os consumidores se fidelizam ao produto e não ao preço. As pessoas vão ao supermercado e têm a ideia de que o preço do kg pode variar entre os 18 € e 20 €, mas o máximo que conseguimos aqui através da cooperativa são 5 € para nós. Depois quando entra a Espanha ou a Polónia, pode baixar para 2 €/kg. O custo da produção é de 2 €/kg, não é sustentável. Muitas vezes, as semanas em que o produto é valorizado compensam as semanas em que é menos valorizado. A nível nacional, o que a própria cooperativa diz é que o consumo é muito baixo.

P. Além das duas certificações, GLOBALG.A.P. e Produção Integrada, tem também uma associação à mão de obra, porquê? Além do núcleo familiar, têm já uma equipa de funcionários a tempo inteiro?

R. Não, só sazonal. Por exemplo, na colheita é a época em que precisamos de mais mão de obra, chegamos a ter até 30 pessoas. É tudo mão de obra portuguesa

e maioritariamente local. Nos primeiros anos, experimentámos a contratar mão de obra estrangeira, mas vimos que não valia a pena, sobretudo por causa das certificações. Nós somos obrigados a ter três tipos de certificação. Temos também complemento voluntário, GLOBALG.A.P. e modo GRASP. A certificação integrada está entre a convencional e a biológica. A GLOBALG.A.P. é um modo internacional que nós temos de ter para poder vender nos mercados internacionais. O modo GRASP é um modo que garante o bem-estar das pessoas que trabalham na exploração. Com as equipas estrangeiras havia a necessidade de ter tudo traduzido, para além da sinalética, que temos de ter obrigatoriamente em português, uma segunda sinalética em inglês e não compensa.

“

**NÃO EXISTIRAM
FACILIDADES INICIAIS
E AINDA HOJE
SÃO POUCAS AS
FACILIDADES ATUAIS.**

”

P. Falámos já em muitas das dificuldades que um projeto destes acarreta. Pode-se dizer que não encontrou muitas facilidades desde o início?

R. Não existiram facilidades iniciais e ainda hoje são poucas as facilidades atuais. Para podermos colocar o nosso produto nos mercados internacionais através da cooperativa Bfruit é necessário cumprir à risca os vários planos, métodos e critérios e certificações: Produção Integrada, GlobalG.A.P. e módulo GRASP. Só assim o produto é aceite para venda e comercialização no mercado nacional e internacional. Mas, temos também encontrado algumas facilidades. Em termos dos acessos aqui à quinta. No início, o acesso era muito apertado, o que dificultava a subida do camião para carregar. O alargamento do acesso acabou por beneficiar a própria exportação e também a comunidade local ficou com melhor acesso. E acabou por ser conseguido através dos serviços municipais, da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos.

Além disso, a equipa com que trabalhamos é uma equipa bastante empenhada no seu trabalho. É bastante agradável trabalhar com todos!

P. E o futuro? Que planos têm já traçados?

R. Aqui temos duas variedades (de mirtilo), o *Duke* e o *Huron*. Só que



o Huron não se adaptou muito bem ao clima, portanto, teve um desenvolvimento muito mais lento e produziu em menor quantidade. Agora o que vamos fazer é substituir seis linhas da variedade Huron, por Duke, porque esta parte do setor (Huron) está a produzir mal em relação à outra variedade. Para além de que, na parte da colheita, é uma espécie em que a baga é muito difícil de apanhar. E, em relação à qualidade, não é tão bom quanto a variedade do Duke, não tem qualidade para exportação. Por vezes, há mais procura do que aquela que podemos oferecer e a ideia de substituir uma

variedade por outra vai aumentar também a nossa produção. Entretanto, estamos a pensar fazer mais uns investimentos na parte logística. Porque, atualmente, a apanha e a escolha são feitas de forma manual. Estamos a pensar adquirir uma mesa de escolha. Desta forma, pretendemos que se aumente a eficácia. Por vezes, temos 25 pessoas no campo a fazer a colheita, chegamos ao fim do dia e, ainda, restam, por exemplo, 200 kg para escolher. E têm de ser escolhidos no próprio dia para que entre na câmara. O fruto não pode entrar e depois sair da câmara.

P. Há, portanto, uma escolha prévia do fruto para embalar e enviar o melhor produto para os mercados. O que fazem com o produto que fica na Quinta?

R. O que fazemos é a transformação dos mirtilos que não têm valor comercial e que vendemos diretamente ao público em feiras. Temos uma licença de indústria do tipo I e os produtos são feitos pelos quatro, de forma caseira. É a Filipa, a minha irmã, que desenvolve as receitas, a sua maioria sem açúcar refinado. Mas, para já, o objetivo é estabilizar a produção, estando sempre dependentes do clima, que é das principais dificuldades.



“

(...) UMA QUINTA QUE TEM PRATICAMENTE SOL DE MANHÃ À NOITE, O QUE PERMITE UMA MATURAÇÃO MAIS LENTA E COM UM AÇÚCAR MAIS DOCE DO QUE EM EXPLORAÇÕES ONDE A EXPOSIÇÃO SOLAR NÃO É TÃO EVIDENTE. POR OUTRO LADO, TAMBÉM É A RIQUEZA EM ÁGUA.

”

P. Finalizando, não podíamos deixar de fazer a pergunta da praxe: qual é a diferença do mirtilo Quinta Fonte da Vida?

R. Muitas vezes, o que dizem é o sabor, quer pela exposição solar da quinta, que é uma quinta que tem praticamente sol de manhã à noite, o que permite uma maturação mais lenta e com um açúcar mais doce do que em explorações onde a exposição solar não é tão evidente. Por outro lado, também é a riqueza em água. O mirtilo consome cerca de 2 litros por dia, divididos por seis regas. Por exemplo, nos incêndios de 2017, o fogo chegou praticamente aqui à frente

da quinta e o fruto que estava pronto a colher, ficou completamente cozido, de roxo passou para castanho. A salvação foi termos água disponível para termos regas contínuas, quer durante o dia, quer durante a noite, para a planta não entrar em stress hídrico. Caso contrário, a própria planta podia ter ficado comprometida e ter de ser substituída. Além disso, todos os anos contamos com os abelhões, adquirimos colmeias de abelhões e também temos os “residentes”, para fazerem a polinização cruzada das plantas. Sem polinizadores não tínhamos produção! O pólen precisa de ser libertado do estame

e entrar em contato com o pistilo, para que haja uma boa polinização e uma boa frutificação. Os abelhões conseguem polinizar por vibração as plantações de mirtilos que a abelha-do-mel não consegue polinizar, para além de serem bastantes ativos com temperaturas baixas no inverno e na primavera, em caso do clima ser frio ou os dias nublados.



ENTREVISTA
NELSON SILVA

“

**GOSTAMOS DISTO...
É AQUI QUE ESTÁ A
NOSSA IDENTIDADE! ...
SOMOS UMA CULTURA
DE CULTIVAR!**

”

Identificação do Produtor

Nelson Silva

Produto

Medronho

Locais

Caboucos, Arega, Figueiró dos Vinhos,
Vila Facaia, Pedrógão Grande

Área total de exploração

9,76 hectares

Quantidade de plantas

4 538, objetivando-se chegar ao final
do ano 2021 com 7 038

Produção anual

15 Ton em ano cruzeiro

Início de Atividade

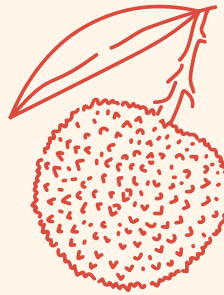
2016

Tipo de Atividade

“Agricultura Familiar”

Marca Comercial

FERRARIA D'ALGE



FERRARIA D'ALGE

MEDRONHO

CABOUCOS, AREGA, FIGUEIRÓ DOS VINHOS
VILA FACAIA, PEDRÓGÃO GRANDE

Nelson é o rosto de um projeto de agricultura familiar... E mostra-nos que é possível! A oportunidade aliou-se à paixão que tem pela sua terra, pelas suas raízes, pela sua história, não baixando os braços nos desafios da ruralidade e da interioridade.



P. Plantação de Medronheiros: Como é que começa esta aventura?

R. Este terreno veio à nossa posse por permuta com diversos terrenos de herança. Inicialmente estava dividido em três partes, mas nenhuma delas era nossa. Em 2015, e dado tratar-se de uma zona geográfica onde assenta maioritariamente o minifúndio, fizemos diversas escrituras de permuta e compra, objetivando a conjugação de parcelas que tornasse rentável a exploração. Constituímos um *dossier* de aconselhamento técnico, e aí, é devido mérito à equipa técnica da FICAPE, que fez questão de alavancar e alimentar todo este projeto e nos fez ambicionar ter um pomar de medronheiros,

quando até à data conhecíamos aquele arbusto, *arbutus unedo*, apenas da sua rebentação espontânea. Ninguém fazia um pomar de medronheiros!

Em 2016 e já com expressão de escala, em Caboucos, freguesia de Arega, junto à Albufeira do Castelo do Bode, implantámos o primeiro medronhal em pomar, do concelho de Figueiró dos Vinhos e dos oito municípios confinantes. Sim, o primeiro! Não havia medronheiros em pomar e conseguimos despertar a atenção com uma referência no *Jornal de Leiria*, por se tratar de uma espécie autóctone e ter impacto na alteração do mosaico agroflorestal.

P. Em 2016 implantaram o primeiro pomar de medronheiros.

Entretanto já tem mais algum? Qual é a grande diferença deste pomar para outros do mesmo fruto?

R. Em outubro de 2017, após os fatídicos incêndios, implantámos o segundo pomar na freguesia de Vila Facaia, Pedrógão Grande, usando a mesma metodologia interventiva, que objetiva a criação de condições de acessibilidade à propriedade e, por conseguinte, facilidade na gestão dos combustíveis e infestantes, poda e, não menos importante, o conforto da colheita do fruto com impacto imediato na rentabilização da mão de obra.

A diferença prende-se com o facto de alterarmos o mosaico florestal com a sua implementação, dado

que todos eles se localizam em locais onde predominava a exploração do eucalipto. A diferença está mesmo aí, a sua implantação em zonas florestais, contribuindo para a diversidade arbórea. E para isso, foi decisivo uma viagem de lazer à Região Vinhateira do Alto Douro, onde a vinha é disposta em serras de maior declive com a criação de taludes. Pensámos, se aqui funciona, porque é que no nosso caso não funcionará, e assim arrancou esta metodologia interventiva. No ano passado, implantámos mais dois pomares, e esperamos fechar o corrente ano com um outro medronhal, onde já temos a mobilização de solos efetivada e preparada para receber 2 500 medronheiros.

Fomos os primeiros a aplicar composto orgânico proveniente de estrume de cavalo, sujeito a compostagem logo na plantação no fundo da cova, porque até então, e das explorações que visitámos quando maturávamos o nosso projeto, a cultura era plantar o medronheiro como se de um eucalipto se tratasse. Nós não somos diferentes, mas optámos por fazer diferente e alimentar as plantas logo na plantação, ao invés de o fazermos posteriormente.

P. Tendo então já quatro medronhais, com o quinto também alinhado, e tendo em conta esta ideia de comercialização do me-

dronho, já há um caminho pensado, também, para obter algum tipo de certificação de qualidade que vos permita diferenciar o vosso produto?

R: Num mercado em que a concorrência será cada vez maior, a qualificação é um fator que marca a diferença e irá assegurar a preferência do consumidor, e por isso iniciámos a Certificação FSC de Gestão Florestal, que é um esquema de certificação florestal de âmbito internacional onde está incrementada a pegada ambiental, cuja máxima é Florestas para todos, para sempre, e enquanto produção do fruto em si, temos os pomares em modo de transição para Produção Biológica.

P. A ideia é, portanto, tornar o medronho o mais natural possível ou irão utilizar produtos químicos do tipo herbicidas ou outros para fazerem a gestão das infestantes, dado que é uma grande área?

R: Não, zero, zero!... A cultura da utilização de herbicidas cai, por terra de geração em geração. Os produtos que usamos, são mesmo as roçaduras, e desde que iniciamos este projeto nunca usámos outro tipo de produto.

Sai mais caro, claro que sim, temos tido problemas ali com aquelas silvas, porque é difícil e caro fazer a gestão das infestantes. A título de exemplo, e no corrente ano,

“

FLORESTAS PARA TODOS, PARA SEMPRE, E ENQUANTO PRODUÇÃO DO FRUTO EM SI, TEMOS OS POMARES EM MODO DE TRANSIÇÃO PARA PRODUÇÃO BIOLÓGICA.

”

temos uma parcela que ascende aos 4.000 €, respeitante à gestão de infestantes.

Temos os medronhais em modo de conversão biológica, e existe uma preocupação acrescida sobre a essência deste tipo de “cultivar”, não podemos utilizar produtos químicos. O que nos dá gozo, é chegar e ver um casal de perdizes a levantar, ouvir o chilro no vazio deste grande silêncio. Isso sim é gratificante! Um projeto, claro, tem de ter em conta a vertente financeira, mas isso só por si não é suficiente, é necessário criar condições para o futuro, dar continuidade, não podemos assumir uma postura do “quem vier de trás que feche a porta”, essa é uma postura errática que vitimar os seus pronunciadores.

Aqui bem perto, a ARCA (Associação Recreativa e Cultural Areguense) tem um alimentador de aves, e isso..., isto é natureza, é sustentabilidade. Depois temos as colmeias que são as responsáveis por fazerem a polinização dos medronheiros, e, se utilizássemos produtos químicos o mais certo era as abelhas morrerem, e aí deixaríamos de ter polinizadores, logo menos fruto e com menor qualidade, tudo tem o seu sentido.

P. Confiança e Qualidade acima de tudo. Como se atinge essa qualidade?

R. Persistência, paixão e muito trabalho. Sozinhos nunca conse-

guimos, são necessárias parcerias, entrar em nichos e falar com quem percebe de cada tipo de poda, perceber como se fazia e o porquê, perceber e reconhecer a importância do conhecimento científico, perceber como se deve fazer, e depois de tudo isso, escolher o caminho que consideramos ser o mais correto.

Por exemplo, em relação às aguardentes vinícolas, existe um enorme historial de conhecimento inclusive documentado, já em relação à aguardente de medronho, só há pouco tempo é que começou a ser estudada.

“

**PERSISTÊNCIA,
PAIXÃO E MUITO
TRABALHO.
SOZINHOS NUNCA
CONSEGUIMOS,
SÃO NECESSÁRIAS
PARCERIAS (...)**

“

P. Tem esta plantação desde 2016 e quando se fala de uma atividade agrícola pensa-se imediatamente qual o proveito que se poderá ter. No que respeita ao medronheiro, é uma planta que dá fruto logo no primeiro ano?

R. Não! Demora! Dos primeiros plantados em 2016, ou seja, com a primeira primavera em 2017, tivemos já uma amostra que resulta dos exemplares com maior vigor, e já fizemos colheita no ano passado, depois seguiu-se o processo de fermentação, e sim, já destilámos. É giro porque vemos aí o resultado de todo o nosso trabalho, de todo o nosso projeto, tudo está ali. Agora segue-se o processo de refinação e maturação e claro existe muita, muita ansiedade nos resultados das análises para aferir se todos os parâmetros estão conforme a legislação, e aguardamos com mais ansiedade a análise sensorial, temos de provar, mas fica a dica... que... promete, promete mesmo.

P. Manutenção, mão de obra, qualidade máxima... É portanto um risco investir neste tipo de exploração mais organizada. Não existem financiamentos nacionais ou europeus adaptados a esta realidade?

R. Não existem financiamentos, ou melhor, existem sim, são é amplamente desajustados da nossa identidade e realidade de interiorização e ruralidade.

“

NESTE, OU EM QUALQUER OUTRO TIPO DE PROJETO, NÃO EXISTEM FACILIDADES.

“



Não temos campos com 100 ou 200 Hectares, que nos coloquem numa posição paralela à realidade de outras zonas do país. Não somos pequenos ou não sabemos fazer, pelo contrário, temos, sim, uma realidade diferenciada e, como tal, é discriminatório que nos seja exigível que uma candidatura tenha de ser padronizada em termos de objetivos, ou seja, analisada com uma bitola que é usada para zonas agro-industrializadas. Existe um longo caminho a percorrer, as coisas apenas não funcionam, fica mais barato fazer sem estarmos condicionados a qualquer candidatura, projeto ou critérios de elegibilidade.

P. Nesse sentido, pelo menos inicialmente, até ter rentabilidade, terá que ser um projeto de “2.º plano”, provavelmente, aliado

sempre a uma ocupação profissional permanente?

R. Um projeto deste género, e com o objetivo de criar condições para colocar diretamente o produto no mercado, carece, não apenas de investimento associado à instalação e manutenção da exploração, mas a todo um conjunto de despesas como a criação de marca, registos, *packing* dos produtos, equipamentos, e, por exemplo, instalações licenciadas para efeito de tratamento e transformação.

É um longo caminho, mas o caminho faz-se caminhando...

P. Aconselha, mesmo assim, aos mais novos este género de investimento, que parece acarretar tantas dificuldades?

R. Neste, ou em qualquer outro tipo de projeto, não existem facilidades. Encaramos as dificuldades como

algo que tem de ser transposto com trabalho e persistência, só assim é possível. Se as coisas não forem encaradas nesta perspetiva, não vale a pena ter ideia de tentar.

Daqui a uns anos, Portugal vai ser o maior produtor de medronho a nível mundial. Por isso, muita coisa vai acontecer em termos de mercado. Neste momento estamos a nível nacional e pouco internacional, mas as coisas ir-se-ão inverter, e sim, claro, existe espaço para todo o tipo de iniciativas. Se existir apetência, sim claro que sim devem avançar, são necessárias iniciativas destas e inclusive noutras áreas. Temos um clima fantástico, muita biodiversidade, temos uma terra nutritivamente rica, haja quem desvie o foco daquilo que já provou ser desastroso. É, sim, necessário ter trabalho, não existem alternativas.



Ferraria D'Alge

P. Todavia, mesmo com estes entraves, nota-se uma paixão e uma vontade enorme. Sairá daqui uma marca de produtos? Que projetos e objetivos têm em mente agora?

R: Num processo tão longo e burocrático quanto este, cada uma das fases tem o seu tempo. Assim também o é com os medronheiros. E é, sim, oportuno, e acho que chegou o momento de apresentar a nossa marca (FERRARIA D'ALGE).

Comercialmente é muito complicado escolher uma marca, uma linha, são muitos fatores a ter em conta e, além da consulta que fizemos aos nossos amigos mais próximos, tivemos sorte com a nossa equipa de designers que nos ajudou neste

dilema. Escolhemos um nome que traduzisse a nossa identidade, o local das plantações e, como temos pomares nas vertentes da Serra da Lousã e junto da Albufeira do Castelo do Bode, foi até giro associar a Ribeira de Alge à localidade de Alge e Foz de Alge. Depois... mais um dilema! Queríamos algo mais expressivo, mais forte! Quisemos fazer jus às ribeiras e riachos da Ribeira de Alge e, claro, apareceu a FERRARIA D'ALGE, e, sim, temos uma marca com um nome forte. A FERRARIA D'ALGE vai-se apresentar como uma aguardente de medronho, de topo, com grande qualidade.

Terminou já o processo da criação da marca FERRARIA D'ALGE junto

do INPI, e temos já um outro processo a decorrer... mas sobre isso... temos de ficar por aqui! Mas, sim, vão surgir outros produtos associados à transformação do medronho. Estamos, também, na fase de execução do projeto para as instalações da FERRARIA D'ALGE e o objetivo é, quando estivermos em ano cruzeiro, termos já as instalações licenciadas em termos de Entrepósito Fiscal de Produção e Armazenamento.

Tudo tem o seu tempo... a sua cadência...

**A TUA HISTÓRIA
COMEÇA AQUI!**

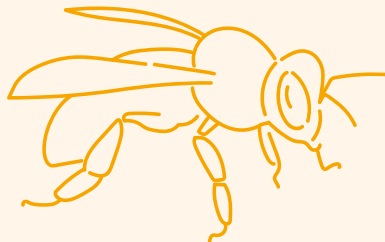


**FRAGAS DE
SÃO SIMÃO**
FIGUEIRÓ DOS VINHOS





ENTREVISTA
SANDRA SIMÕES



CHIQUITAMEL

MEL

AGUDA – FIGUEIRÓ DOS VINHOS

“

**NÃO DESISTIR LOGO
NO PRIMEIRO TOMBO**

”

Identificação do Produtor

Sandra Simões

Produto

Mel, Extrato de Própolis e Pólen

Local

Fato, Salgueiro e Aguda

Quantidade colmeias

25

Produção anual (Dados de 2019)

1000 kg

Início de Atividade

2016

Tipo de Atividade

“Negócio Familiar”

Um *hobbie* que é uma paixão, uma paixão que é um *hobbie* e um *hobbie* que se transformou num modo de vida. É assim que podemos descrever a determinação e o carinho com que Sandra fala deste mundo, tão doce e que, segundo a nossa entrevistada, tem tanto para nos ensinar.

Conheça melhor
este negócio AQUI.



P. A Sandra é proprietária, juntamente com o seu esposo, da Chiquitamel e têm uma vida profissional, dita, normal. Como é que surge, então, esta ideia de iniciar uma exploração de apiários?

R. Isto começou porquê? Porque fomos tentar encontrar algo que substituísse o açúcar. Começámos por experimentar o mel e tivemos um senhor do Avelar que nos incentivou, como éramos jovens, a pôr a nossa própria exploração. E nós pensámos “Ah! Porque não! Vamos experimentar!”, e em vez de uma, pusemos cinco! Agora, temos cerca de 50, tínhamos, no ano passado, mas com a situação da vespa asiática e o clima, neste momento só temos 25, perdemos 50 %. Iniciámos em maio de 2016, neste momento ainda não recuperámos o que gastámos.

P. Como é que se consegue fazer face a uma perda tão grande?

R. Nós tentamos com que não seja tão grave, mas isto é uma situação muito caótica, porque identificar os ninhos nesta zona da serra é um bocado complicado. Tentamos localizar os ninhos e passar parte tanto à Câmara Municipal de Figueiró como à Câmara Municipal de Ansião. Fizemos armadilhas, e tentamos sensibilizar as pessoas para fazer armadilhas... este ano vamos apostar nas arpas. Mas isto requer muito esforço da nossa parte, porque nós não fizemos nenhum projeto, ou seja, todo o investimento é nosso, é pessoal. Nós ainda não temos ninguém que nos possa ajudar nesse sentido, não há financiamento para isto.

P. No momento quantas explorações tem?

R. Eu tenho 3 apiários, mas um deles ficou reduzido a quase nada por causa dos fogos. Passaram os fogos de 2017, aqui (Fato) também passou, mas há uma parte de lá da serra que vai para Aguda que já não apanhou o fogo, como tínhamos tudo limpo não aconteceu nada aos nossos apiários. Aqui, como havia flora na encosta, tentámos não tirar as colmeias por que havia a chance de elas recuperarem. No Salgueiro, já não, aí tivemos que as alimentar, porque já não havia flora, ardeu tudo.



P. O mercado do mel é amplamente explorado, quer individualmente quer empresarialmente. Neste sentido, o que é que diferencia o seu produto de outros semelhantes?

R. É um mel multifloral e natural sem qualquer aditivo. Uma das coisas boas que temos é a diversidade da flora, porque dá um sabor diferente ao mel. Cada zona tem a sua flora e é essa flora que vai dar sabor ao mel e isso é uma das vantagens. O nosso mel aqui, por exemplo, é completamente diferente do sabor do mel Terras de Sicó, porque nós aqui temos o mato, a carqueija, a urze, o eucalipto, o medronheiro e mais plantas, porque nesta encosta antigamente era uma zona de castanheiros, árvores de fruto, e têm também o ribeiro. Nós mantemos o habitat delas o mais natural possível.

Temos duas qualidades de mel, o mel claro da zona da Aguda, mais docinho, que as pessoas preferem mais, mas também temos o mel mais escuro e com um sabor mais agre por causa da flora da zona da Serra e do Salgueiro... tenho aquelas pessoas que preferem o mel mais escuro, da urze, porque lhes lembra o mel antigo e porque tem outras propriedades que o mel claro não tem. A urze e a carqueija são um tipo de planta medicinal, e as pessoas preferem esse tipo de mel por causa dos

benefícios, por que faz lembrar o mel que se usava antigamente nas mezinhas.

P. O mel é o único produto que recolhe dos vossos apiários?

R. Não. Temos mel, extrato de própolis e pólen. Nós temos umas caixas próprias que metemos à frente da colmeia para podermos extrair o pólen... O pólen tem muitas propriedades, porque a abelha quando vai para o campo vem carregada com bolinhas nas patitas e cada bolinha daquelas corresponde a uma planta e tem a sua vitamina, tem os seus minerais, a própria planta em si traz os seu benefícios e então o pólen é isso mesmo, é o conjunto das propriedades de cada planta. Usa-se em chá, em iogurte... Eu por exemplo tomo todos os dias de manhã no meu iogurte natural, ponho um bocadinho de mel, um bocadinho de pólen e as sementes, é o meu pequeno-almoço! Há pessoas que são alérgicas, atenção! Nem todas as pessoas consomem o mel ou o pólen, porque a abelha em si vai a milhares de plantas por dia e nós não sabemos especificamente qual a flor, podendo haver uma planta que faça a diferença e despolete a alergia.

P. Atualmente, o mel da Chiquitamel já tem algum tipo de certificação?

R. Estamos associados à *Lousãmel*, neste momento, como iniciámos

“

**É UM MEL
MULTIFLORAL
E NATURAL SEM
QUALQUER ADITIVO.
UMA DAS COISAS
BOAS QUE TEMOS
É A DIVERSIDADE
DA FLORA, PORQUE
DÁ UM SABOR
DIFERENTE AO MEL.**

“



há pouco tempo, a certificação que ela nos dá é a de qualidade do produto... Nós temos umas análises que fizemos recentemente que mostra os parâmetros normais que devemos ter no mel. Na zona de Aguda deram-me os parabéns porque tem um sabor característico do castanheiro, uma das coisas boas que temos é a flora. Sempre que tiramos o mel fazemos as análises que têm de respeitar as normas europeias por causa do açúcar natural, as plantas têm açúcares e

é isso que vai fazer com que o mel seja mais ou menos doce.

P. Mel, extrato de própolis e pólen: onde os podemos encontrar hoje e como é que iniciou a sua comercialização?

R. No início foi mais a pessoas conhecidas... mas depois fomos incentivados por um senhor*, de Santiago da Guarda, a fazer a Feira de Velharias. Foi lá que iniciámos, e já fizemos outras feiras e tasquinhas na Aguda, o S. Pantaleão e o S. João em Figueiró. Neste

momento tenho pessoas que me procuram, sem ser da nossa zona, que procuram o nosso mel e que tiveram conhecimento pelo “passa palavra”, e pelo facebook. Tenho duas lojas no Avelar com o produto à venda, e as pessoas procuram muito o produto na loja e se não houver, automaticamente, entram em contacto connosco para encomendar o produto. A Junta de Freguesia aqui da Aguda também tem o nosso produto. Como eu trabalho e o meu mari-

“

**O NOSSO OBJETIVO É,
REALMENTE, TER MAIS
COLMEIAS.**

“

do também trabalha, só temos os fins-de-semana e, então, optamos por pôr nas lojas e fazer o máximo de feiras que conseguimos.

(*de acordo com o Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados a identificação do cidadão foi ocultada)

P. E o futuro? Como o vê?

R. O nosso objetivo é, realmente, ter mais colmeias. Nesta zona aqui, mesmo na encosta do Casal de São Simão, há uma diversidade enorme de plantas, que muitas nem conhecemos, e as abelhas sabem perfeitamente onde devem ir procurar. Neste momento elas estão a coletar... nós estamos a gostar do que estamos a ver porque elas vêm carregadas com pólen e néctar, agora a seguir vai ser feito desdobramentos para poder então fazer o aumento da colónia.

P. Pelo que percebo, foi um *hobby* que se tornou uma paixão. Aconselha os mais jovens a dedicar-se a este tipo de área?

R. Isto é um mundo, e a abelha em si faz-me pensar muito no nosso modo de vida. Porquê? Porque temos muito que aprender com elas, elas são um ser muito organizado, cada uma tem uma tarefa, só há uma a mandar e todas trabalham para o mesmo. É um ser muito inteligente.

Quem gosta, aconselho, é rentável, só que dá muito trabalho, demora algum tempo e não é desistir logo no primeiro tombo. É uma forma de proteger a espécie, porque se a nossa abelha se extinguir nós temos pouco tempo de durabilidade, porque a abelha em si poloniza tudo que consumimos!





“

**TRANSFORMAR AS
DIFICULDADES EM
OPORTUNIDADES**

”

Identificação do Produtor

Rui Pereira

Produto

Óleos essenciais

Local

Zona Industrial da Ladeira da Calça

Área de Implementação

5389.5 m²

Produção anual (Dados de 2019)

1000 kg

Início de Atividade

2022

Tipo de Atividade

Empresa



**SCENTS FROM
NATURE, NATURAL
ESSENTIAL OILS
COMPANY, LDA.**

ÓLEOS ESSENCIAIS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Cooperação, colaboração, sustentabilidade ambiental, transformar as dificuldades em oportunidades, são estes os motes que movem Rui Pereira, o engenheiro lisboeta que apostou em Figueiró dos Vinhos, mas que afirma que foi Figueiró dos Vinhos que apostou nele, na sua empresa e na inovação.



P. Rui Pereira, engenheiro lisboeta, sem ligações a Figueiró, parte da equipa de uma empresa com mais de 30 anos, a SINFIC, que opera num vasto conjunto de investimentos, tecnologias de informação, construtoras, pedreiras, óleos essenciais, cosmética, em diversos países, desde Portugal, Brasil, Moçambique, Angola... Qual é a história por trás deste investimento no nosso concelho?

R. Qual é a história?! (sorrisos)
Nós começámos a fabricar óleos essenciais em Angola, onde estamos desde 2018, instalámos três destiladores, temos um polo industrial com cerca de 30 hectares, duas fazendas com 200 hectares

para plantação de plantas aromáticas, um polo industrial de fabrico de óleos essenciais, tais como o eucalipto, alecrim, alfa-zema, vetiver - que é uma planta originária da Índia - que são óleos com alguma riqueza. Decidimos, entretanto, fazer um projeto semelhante em Portugal em parceria com este projeto em Angola. Verificámos os Fundos Europeus de Desenvolvimento (CENTRO2020) e candidatámo-nos a um. Com base nisso, procurámos um conjunto de Câmaras aqui na zona no sentido de nos aceitar. E posso dizer que a Câmara de Figueiró dos Vinhos foi a eleita pela sua dinâmica e pela sua capacidade de reação. Eu enviei, a um domingo de manhã,

um e-mail para um conjunto de Câmaras e, no próprio domingo à tarde, estava em contacto com o Centro Investe. Isto foi exatamente um sinal e esta dinâmica que se criou aqui, com o Centro Investe, com o Senhor Presidente da Câmara, foi uma coisa que, a partir desse domingo, foi crescendo como uma bola de neve. Se estamos aqui hoje, no fabrico dos óleos essenciais, se estamos aqui na projeção deste investimento, é devido, fundamentalmente, à seriedade do Centro Investe e, consequentemente, do Senhor Presidente da Câmara, que nos deu, no fundo, a abertura e a capacidade de instalarmos aqui o nosso projeto.

P. O projeto foi aprovado pelo CENTRO2020, o apoio da Câmara foi, como disse, crucial para a sua implementação. Conte-nos, por favor, como tudo se procedeu e que objetivos têm traçados para a SCENTS.

R. Nós entrámos com parte do capital da empresa, outra parte é feita pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, que nos dotou de alguns fundos. Também associámos parte dos fundos; a Câmara estebeleceu uma parceria connosco, de forma a nos disponibilizar este espaço. No início deste ano, apesar da pandemia não ter passado, nós arriscámos e avançámos. Apesar de não termos muita coisa definida, decidimos que tínhamos de ir para a frente, não podíamos ficar parados e não podíamos deixar que o bicho nos vencesse. Portanto, foi essa a determinação com que nos colocámos aqui e apresentámos também ao Presidente da Câmara e ao Centro Investe. Sabíamos que o momento não era o ideal, mas nós não íamos ficar parados e íamos continuar determinados a fazer o projeto. Portanto, já se via alguma coisa, esperamos que no início do próximo ano, em janeiro, nós já consigamos ter a fábrica a funcionar. Os equipamentos estão a ser construídos, pretendemos fazer uma fábrica que funcione e esteja direcionada para a indústria farmacêutica, para a indústria de produtos de limpeza, também para

a área de saúde - no caso dos óleos essenciais. Queremos associar e potenciar os recursos da região, nomeadamente a sua posição geoes-tratégica, quer inserida no pinhal de Leiria, quer nas acessibilidades que tem para Lisboa, quer para a ligação que tem com Coimbra - uma capital de conhecimento e de pessoas. Queremos também potenciar as pessoas da região, aqui para a fábrica vamos dar primazia às pessoas que são daqui. Este projeto não ficará por aqui. Temos ainda um outro projeto, aqui já ao lado, também para fazer *pellets* orgânicos e queremos valorizar a região, os recursos da região, as pessoas da região. No fundo, também tentar retribuir um bocadinho a oportunidade que nos deram.

P. Pode-se afirmar que a pandemia foi mais uma dificuldade acrescida às dificuldades inerentes a qualquer projeto. Como se ultrapassa situações como esta?

R. Um projeto tem sempre dificuldades, mas nós não olhamos para as dificuldades, olhamos para as oportunidades. Portanto, a oportunidade que nos foi dada foi esta e é esta que nós vamos agarrar, vamos aproveitar e tirar o máximo de oportunidade. Há dificuldades, efetivamente, mas acima de tudo, as dificuldades são inerentes a esta atividade. E tentamos fazer isso mesmo: transformar as dificuldades em oportunidades e dar

“

E POSSO DIZER QUE A CÂMARA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS FOI A ELEITA PELA SUA DINÂMICA E PELA SUA CAPACIDADE DE REAÇÃO.

“



a volta. Da minha experiência, não podemos esperar o tempo suficiente para ter o projeto perfeito. Se vamos estar à espera de não ter dificuldades, nunca vai acontecer. Não há projetos perfeitos, não temos essa capacidade, nem tudo vai sair logo como nós pensamos.

P. Scents from Nature, a empresa de óleos essenciais que está aqui a implementar, foi projetada, especificamente, para esta região. Porquê esse interesse?

R. Porque é uma zona florestal verde que, de alguma forma, potencia o fabrico de óleos essenciais, nomeadamente o eucalipto. O eucalipto tem algumas propriedades, principalmente as suas folhas, que quando destiladas, arrastam um conjunto de partículas e fragâncias que depois são condensadas e são separadas em duas camadas. A primeira camada é um óleo, que é um líquido mais denso e a segunda é a água. Nós separamos essas camadas, de um lado temos

o óleo, do outro colocamos a água. E esse óleo tem algumas propriedades valorativas em termos de cosmética, de farmacêutica, de produtos de limpeza. Hoje em dia, nós caminhamos para a sustentabilidade do planeta, para cada vez menos coisas sintéticas, cada vez menos coisas químicas. As pessoas procuram cada vez mais produtos orgânicos e nada melhor do que criar uma indústria em volta deste conceito. E é esse o contexto em que nós nos queremos inserir.

Queremos trabalhar com os produtores de eucalipto da região, de plantas aromáticas. Do eucalipto fundamentalmente: destilar o eucalipto, produzir óleo de eucalipto e depois, vender às indústrias quer farmacêuticas, quer de produtos de limpeza industrial, limpeza para casa, cosmética e também direcionada ao público final. Se nós tivermos um vaporizador e colocarmos duas ou três gotas do óleo de eucalipto, vai espalhar-se pela casa e vai transmitir algumas sensações e um conjunto de propriedades e benefícios para as pessoas, em termos de saúde, de calma, de *relax*, de melhoria de um conjunto de benefícios próprios para a saúde das pessoas.

P. Estando neste mercado dos óleos essenciais há já alguns anos, tendo este produto aplicações tão diversas, e sendo que a vossa empresa já tem algumas marcas específicas, pode dizer-nos como funcionam essas marcas e qual o contributo da Scents nesse panorama?

R. Temos a empresa de cosmética, a Tecnocosmética, e outra empresa de comercialização business to consumer, a ESSOILS. Esta (Scents From Nature) é *business to business*. A Tecnocosmética faz a integração de parte dos óleos que produzimos. Ainda temos, em Angola, uma outra que faz a produção também de óleos essenciais e

parte dos quais nós vamos utilizar para refinar aqui nesta fábrica. Ou seja, eles vêm em bruto, mas também vamos refinar. Esta fábrica vai estar habilitada com laboratório com análises fitoquímicas, microbiologia, uma zona industrial, uma parte de enchimento – com características de enchimento e características farmacêuticas. Portanto, vamos ter aqui um laboratório, que diria, quase de ponta para fazer análises aos diferentes óleos e aos diferentes produtos que possa haver, que podem ser de terceiros, e vai permitir fazer a certificação dos óleos e colocá-los no mercado.

“

**(...) TENTAREMOS
TORNAR CADA VEZ
MAIS SUSTENTÁVEL O
PLANETA, UTILIZANDO
UM RECURSO DA
REGIÃO QUE TAMBÉM
É IMPORTANTE.**

“

P. Este conceito do *business to business*, ou seja, de negócio entre empresas, não é muito conhecido pela maioria das pessoas, que estão mais habituadas ao *business to consumer*, ao negócio virado para o consumidor. Qual será, então, o papel e o funcionamento da Scents?

R. O mercado farmacêutico exige um conjunto de moléculas e aí a ideia é que nos óleos essenciais – quer seja de eucalipto, quer seja de outras plantas aromáticas que haja na região e/ou em Portugal – consigamos fazer essas moléculas e dá-las à indústria farmacêutica, de forma a que eles consigam aproveitá-las, ou para fazer medicamentos, ou produtos com finalidade e qualidade farmacêutica, que possam beneficiar a saúde ou o bem-estar de cada um de nós. Utilizar-se-á, também, parte da matéria-prima na área de cosmética, para integrar nos produtos cosméticos finais. Em vez de estarmos a utilizar fragâncias ou princípios ativos químicos, que são elaborados em laboratório, tentamos utilizar coisas que sejam orgânicas e, nomeadamente, óleos essenciais, produzidos sem serem tratados quimicamente. Ou seja, tentaremos tornar cada vez mais sustentável o planeta, utilizando um recurso da região que também é importante. Porque há a limpeza das matas, há toda esta limpeza de corte e abate de árvores em que

depois fica a estilha no chão. Nós queremos reaproveitar e receber isso, de forma a podermos destilar aqui e darmos um aproveitamento àquela que é uma das principais causas de incêndio aqui na zona. Por outro lado, depois dessa segunda parte, de o óleo ser extraído, queremos incorporar e fazer *pellets* para aquecimento. Tentar fazer uma economia circular, de forma a haver o máximo de aproveitamento das matérias-primas e dos recursos que vamos utilizar.

P. Tentar, portanto, ir ao encontro das necessidades das pessoas com desperdício zero?

R. Exatamente. É esse o objetivo final. O eucalipto é cortado e os ramos das árvores e as folhas ficam no chão e isso, no fundo, é a estilha. Nós recuperamos essa estilha e pomos aqui. Outro produto é conseguirmos fazer também humos: que, no fundo, é um espaço com uma espécie de canteiros, onde poremos minhocas, que se alimentarão e produzirão humos. Uma outra hipótese é fazermos os *biochar*, que é o carvão biológico, isto é um projeto ainda de investigação, mas também poderá trazer alguma riqueza, porque é muito apreciado especialmente nos paí-

ses nórdicos. Estamos a falar de carvão biológico, que poderá ser aproveitado para o aquecimento das casas, especialmente nos países mais frios, que é no norte da Europa e onde a expressão o orgânico, do biológico, tem muita importância. Posso dizer que, a nível de cosméticos, hoje em dia, no centro da Europa, têm já uma obsessão por utilizarem produtos biológicos e orgânicos.

P. Mercados que quer trazer para Portugal?

R. Trazer para Portugal e fornecer esses mercados. À medida que vamos caminhando e as populações



“

HÁ AQUI UMA TENDÊNCIA A NÍVEL GLOBAL, A NÍVEL BIOLÓGICO, DE PROTEÇÃO DO AMBIENTE. CADA VEZ MAIS ISSO SE ESTÁ A INTERIORIZAR.

“



vão ficando mais alerta, mais educadas, no sentido de protegerem o planeta e preocupadas com as condições ambientais, vão ficando mais alerta para os produtos que escolhem. Portanto, é um mercado que está em crescimento e nós queremos fazer parte desse crescimento.

Há aqui uma tendência a nível global, a nível biológico, de proteção do ambiente. Cada vez mais isso se está a interiorizar. Nas pessoas que passaram esta pandemia, principalmente as pessoas mais novas, porque vão ser elas que vão ter de lidar com este problema, vai haver uma preocupação muito grande e nós queremos contribuir para esse projeto. Uma forma de contribuir é contribuir com produtos natu-

rais, produtos orgânicos e reduzir a emissão de gás e a utilização de produtos químicos, particularmente, diminuir a nossa pegada ecológica.

P. O eucalipto, como deve compreender, é, para nós, um tema muito emocional, fundamentalmente, pela questão dos incêndios que vivemos todos os anos, sobretudo em 2017. Não acha que a implementação de uma fábrica que vive através do eucalipto vai incentivar a sua plantação e produção pelos produtores com quem vai ter parcerias?

R. Não, os produtores têm o espaço definido por eles. O nosso objetivo é apelar à reordenação e à limpeza constante das matas. E fazer com que eles ao invés de deixarem lá

(a estilha), coloquem aqui, aproveitando para fazer óleos essenciais e dar uma mais-valia ao que ia ficar no chão. O que eu vou dizer é: “Eu estou aqui e estou recetível para receber essa estilha, essa parte que não é aproveitada para o fabrico de pasta de papel e de produção industrial, essa parte que fica no solo, para recebê-la aqui, para lhe dar valor.” Relativamente aos incêndios, nós vimos exatamente tentar contribuir para a redução desses mesmos fogos. Ou seja, toda a estilha que é deixada no local, que não é tratada, nós podemos reaproveitá-la aqui e reproduzir óleo essencial. E isso é a nossa contribuição também.



“

DEVOLVER À TERRA O QUE É DA TERRA

”

Identificação do Produtor

Comissão de Compartes dos Baldios
de Alge (Bruno Braz)

Produto

Medronho, Sobreiro, Cedro

Local

Carvalhos, Pé de Janeiro, Ponte
Fundeira, Pé de Ingote, Ribeira Velha
e Searas

Sede

Alge - Campelo

Área Total

1400 hectares

Constituição da Associação

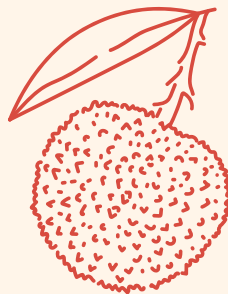
28 de setembro de 2001

Início do Projeto da Plantação

2018

Tipo de Atividade

Associação



COMISSÃO DE COMPARTES DOS BALDIOS DE ALGE

MEDRONHO

CARVALHOS, PÉ DE JANEIRO, PONTE
FUNDEIRA, PÉ DE INGOTE, RIBEIRA VELHA
E SEARAS

Conhecer os Baldios é como descobrir pequenos milagres da natureza em todo o seu esplendor. Bruno Braz, o presidente da Comissão de Compartes, mostrou-nos toda essa beleza desconhecida que esta associação quer dar às pessoas.

Mudar paradigmas, valorizar o interior e mostrar o seu potencial, fixar pessoas e redescobrir a floresta... Esta é a visão que move a associação nascida numa aldeia que já esteve reduzida a zero habitantes e que deseja ardentemente ser mais que uma aldeia para passar férias...!

Conheça melhor
este negócio AQUI.



P. A Comissão de Compartes foi constituída em 2001 e em 2018 inicia uma plantação de medronheiros. Porquê um projeto desta natureza, 17 anos depois?

R. O Projeto tem como objetivo devolver a floresta à floresta, ou seja voltarmos a ter uma floresta completamente heterogénea, em vez de ser uma floresta homogénea, em que temos subculturas intensivas quer de pinho, quer de eucalipto. Queremos ter uma floresta completamente heterogénea, com vários tipos de espécies, com a plantação dos sobreiros, com a plantação dos medronheiros, com a plantação dos cedros... Estamos também a tentar que a queiró, que digamos é a planta essencial e caracteriza essencialmente o mel da Lousã, não desapareça. Tentámos encetar esforços com universidades para ver de que forma é que podemos fazer uma plantação de queiró, porque sabemos que é uma espécie de difícil plantação, segundo o que nos informaram, numa sementeira só cerca de 10 % é que

sobrevive. Tivemos agora boas notícias porque já se vê o rebentamento da queiró, que caracteriza o mel da Lousã, o único do país e, salvo erro, só há outro no mundo com estas características, e é isso que temos de salvaguardar. Um dos objetivos que temos a breve trecho é o mel e, também, a produção de queijo, e para isso é preciso que haja uma preservação desta fauna que nós temos e que tende a desaparecer com a intensificação massiva quer de pinho, mas principalmente de eucalipto, nesta zona, felizmente ou infelizmente estamos nos melhores concelhos do país para produção de pasta de papel e temos esta situação em que cada vez há mais e mais produção de eucalipto.

A ideia da plantação dos medronhos surge após os incêndios. A ideia já é anterior, mas temos de ter a noção que uma plantação destas implicaria valores astronómicos, seriam pelo menos 2-3 anos da nossa faturação anual, seriam aqui valores sempre superiores a

“

A NOSSA IDEIA É DEVOLVER A FLORESTA À FLORESTA, DEVOLVER AQUILO QUE A FLORESTA ERA ANTIGAMENTE, QUER SEJA POR UMA QUESTÃO DE BIODIVERSIDADE, QUER SEJA POR UMA PRESERVAÇÃO DE TODAS AS ESPÉCIES (...)

“





200 mil euros, só nesta plantação! Estamos a falar de 85 Ha, se fosse exclusivamente de medronhos, que não é o caso e também não era a nossa ideia pôr uma plantação intensiva só de medronho. A nossa ideia é devolver a floresta à floresta, devolver aquilo que a floresta era antigamente, quer seja por uma questão de biodiversidade, quer seja por uma preservação de todas as espécies que nós temos nesta serra, quer seja, e não somos completamente alheios a isto, numa questão de gestão florestal, no âmbito dos incêndios, porque sabemos perfeitamente que se optarmos sempre por uma plantação intensiva, de só uma espécie, é muito mais provável que

haja incêndios com maior intensidade. Sabemos que tudo arde, não é por dizer que o medronho não arde, agora arde com muito menos intensidade do que se fosse uma plantação de pinho ou de eucalipto, assim tal e qual como o sobreiro, arde na mesma, agora arde com muito menos intensidade do que arde qualquer outra das plantações comuns que nós temos aqui na zona, nomeadamente o eucalipto e o pinho.

P. O projeto surge, então, após os incêndios de 2017. A associação aproveitou os apoios governamentais que surgiram no âmbito da recuperação das zonas afetadas?

R. A 8.1.4. (*) que surgiu após os incêndios de 2017 e a criação, por parte do Governo, de uma linha de apoio de cerca de 13 milhões de euros dedicado à recuperação da floresta da zona centro. Nós fizemos o projeto, que foi aprovado, e também já tínhamos outro projeto para a plantação de pinho com faixas de gestão de combustível com sobreiros e medronheiros. Esse projeto ficou em *standby*, porque a linha de financiamento que havia estava abaixo do necessário, estamos a falar de 160 Ha e o preço que pagavam por Ha era muito abaixo do necessário e implicaria um esforço da nossa parte muito grande que ascenderia, garantidamente, a 150 a 200 mil

euros compartilhados da nossa parte. Ainda que nós sejamos uma associação com fundos, temos de fazer uma gestão adequada desses fundos e neste momento temos outras prioridades que não passaria pelo investimento de uma quantia tão elevada num só sítio. Temos também a questão do gado (outro projeto) que para já é essencial e a fixação de pastores que vai permitir criar postos de trabalho e dinamizar uma freguesia que por si só já está deserta... e vamos apostar na parte do mel, consideramos que futuramente vai ser uma excelente aposta quer pela zona em que estamos inseridos quer pela rentabilidade que poderemos trazer daqui...

O projeto inicial do 8.1.4, foi, basicamente, a questão das estradas, da plantação, da recuperação dos pontos de água que tinham ficado danificadas com os incêndios... e agora queremos acabar de fazer a limpeza do pinhal e também entrar pela parte da resinagem que consideramos que, além de ser um fator de rendimento, é um fator que nos vai ajudar a manter um pinhal limpo e cuidado, evitando, essencialmente, que os fogos entrem e que este tipo de vegetação arda com grande intensidade.

(*) Operação 8.1.4-Restabelecimento da Floresta Afetada por Agentes Bióticos e Abióticos ou por Acontecimentos Catastróficos (PDR 2020)

“

O MEDRONHO PARA ATINGIR UMA PRODUÇÃO PLENA LEVA NO MÍNIMO 10 ANOS, É ÓBVIO QUE SE FALARMOS AQUI DE 40 HA OU 50 HA SÓ DE MEDRONHOS ESTAMOS A FALAR DAS MAIORES PLANTAÇÕES DE MEDRONHO DO PAÍS.

“

P. Existe, portanto, uma ambição e preocupação em preservar a floresta na sua génese, nomeadamente com a plantação de medronheiros, um projeto de pastorícia, outro de produção de mel. Neste momento, têm mais algum projeto delineado?

R. Estes baldios têm cerca de 1400 hectares, e queremos ver se conseguimos também financiamento para continuar a arborizar estas zonas que aqui estão sem qualquer tipo de arborização. Neste momento já não há medidas abertas para este tipo de projetos. Temos

um único projeto a decorrer que trata do controlo de vegetação, nada mais que isso. A curto prazo o que nós vamos já fazer é a implementação do curral do gado com um rebanho, inicialmente, de cerca de 50 a 100 cabeças de gado e depois iremos partir para a parte das colmeias e, eventualmente, estamos a ponderar a questão do olival porque também é algo que achamos que terá grande viabilidade económica.

P. O projeto da plantação de medronheiros acaba por ser um dos muitos planos da vossa comissão. Dentro desse plano, qual é o vosso grande objetivo?

R. Costuma-se dizer que o sonho comanda a vida, mas o sonho, o sonho era uma destilaria com marca própria. Ainda estão muito pequeninos, o medronho para atingir uma produção plena leva no mínimo 10 anos, é óbvio que se falarmos aqui de 40 Ha ou 50 Ha só de medronhos estamos a falar das maiores plantações de medronho do país. É óbvio que isso também nos enche de orgulho, mas acima de tudo, não é tanto a parte monetária que nos move, mas sim a dinamização de toda esta área que nós consideramos ter um potencial enorme. Tem um potencial enorme e está completamente subaproveitado e não se pode aceitar, principalmente pelas entidades locais, que isto seja uma freguesia

que está morta e não há nada a fazer e então cruzamos os braços e deixamos isto acabar, porque estamos a falar da 2.^a ou 3.^a freguesia maior em área do país com 55 km² e que tem uma população residual de cento e poucas pessoas. E realmente não se vê a fazer nada em contrário por parte das entidades locais. Aqui temos que, realmente, reconhecer o mérito à Câmara que, com as limitações financeiras que teve, que todos sabemos, dentro das possibilidades, sempre nos apoiou naquilo que nós precisávamos, sempre tivemos a porta aberta por parte da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos para todo e qualquer projeto que tivéssemos, que considerassem viável. Isso é verdade e não podemos esquecer jamais isso.

P. Os terrenos que a comissão foi adquirindo ao longo dos anos já contemplam uma área extensa. A vossa ideia é também contribuir um pouco para esta gestão tão necessária na prevenção de incêndios?

R. Nós tínhamos um projeto no âmbito da 8.1.5 (*) que seria uma plantação de 160 hectares, maioritariamente cerca de 60 % de pinho bravo e os outros 40 % seriam de medronheiro e sobreiro, ou seja seriam faixas de gestão... mais uma vez nós não queremos uma plantação de uma só espécie... nós sabemos que o sobreiro demora muito tempo a dar, mas depois de dar também se tira rentabilidade. Nós temos essa facilidade de poder esperar, porque também temos financiamentos, temos a facilidade de saber esperar e saber que no fu-

turo teremos dividendos. Acima de tudo é um futuro para as próximas gerações, quando estamos a falar do impacto das alterações climáticas, é olharmos que isto aqui pode ser o início da mudança.

(*) Operação 8.1.5-Melhoria da Resiliência e do Valor Ambiental das Florestas (PDR2020)

P. 2011 e 2017, especialmente, foram anos muito emotivos. O Bruno viveu de perto esses momentos. Como é que se ultrapassa e se olha para o futuro?

R. Não é fácil, só quem vive...

é sentir o inferno na terra, ver linhas de fogo como eu vi aqui do cimo da serra...é muito complicado. Mas também não podemos baixar os braços. O essencial é saber que errámos e não podemos voltar novamente a errar, e para

“

... MAIS UMA VEZ NÓS NÃO QUEREMOS UMA PLANTAÇÃO DE UMA SÓ ESPÉCIE...

“



“

**ENTÃO VAMOS
JUNTAR A
COMUNIDADE LOCAL
E FAZER ENTENDER
QUE ISTO É PARA O
BEM DE TODOS E NÃO
PARA O BEM DE UM.**

”

não voltar novamente a errar não podemos voltar outra vez a fazer exatamente aquilo que estávamos a fazer. Em 2011 nós conseguimos circundar a área, arderam cerca de 20 Ha, mais ou menos, de pinho, mas conseguimos que não alastrassem muito mais do que isso, porque havia estradas, havia pontos de água, que permitiram uma intervenção rápida ao incêndio. Sabemos perfeitamente que não podemos pedir aos bombeiros para apagar incêndios sem condições. Realmente é lamentável vermos que isto não é um panorama a nível local, é um panorama a nível nacional. Falamos em políticas das florestas e não há, na prática, uma alteração do paradigma.

P. Como é que, na sua opinião, se mudam esses paradigmas?

R. Acima de tudo é jogarmos pela prevenção, temos de tentar fazer entender às pessoas que há outros caminhos. A nossa perspetiva agora, à volta da aldeia, é arrancar a vegetação e plantar tudo com espécies autóctones, porque nós sabemos que se o fogo entrar por cima só o conseguimos parar ao pé da casa, porque não há outra forma de o parar. Então vamos juntar a comunidade local e fazer entender que isto é para o bem de todos e não para o bem de um. Porque depois de termos aqui os incêndios não há nada a fazer, a única coisa a fazer é tentar apagá-lo, uma coisa

é arder em eucalipto, outra coisa é quando ele está arder em sobreiro, ou está a arder em medronho... nós sabemos perfeitamente que uma plantação de sobreiros tem uma concentração de 30 %, pelo menos, superior de humidade em relação ao eucalipto, lógico que quanto mais humidade existir com menos intensidade ele arde. É óbvio que as linhas de água devem ser limpas, as estradas devem ser cuidadas, mas o principal é sempre a floresta. O eucalipto não é uma espécie diabólica, o problema do eucalipto é haver uma cultura intensiva desta espécie.

P. O essencial será mudar mentalidades. Contudo, quando se trata de particulares com terrenos de pequena dimensão, essa capacidade de alterar paradigmas pode ser mais difícil.

R. Não! Eu interpreto as coisas de outra forma... É lógico que tem de haver uma distribuição de lucros, para alguém ceder a parte dele (para faixas de gestão), na qual não terá plantação, tem também de ter algum retorno! Agora as pessoas não se podem cingir, única e exclusivamente, ao lucro, à parte rápida, que é: 'planta eucalipto daqui a 8 ou 9 anos corta-se, daqui a mais 8 ou 9 anos corta-se outra vez, não tem trabalho nenhum. Não! Posso-vos dizer, garantidamente, que se formos fazer uma análise, tanto o medronho como abacateiro, por

exemplo, são espécies muito mais rentáveis do que o eucalipto, mas muito mais rentáveis. Se formos ver os estudos que há para o medronho, os estudos que há para o abacate, o estudo que há para a própria castanha. Dão muito mais trabalho, todos os anos têm de ser colhidos. Muitas vezes a questão que nos colocam é: 'agora fizeram a plantação, quem é que arranjam para ir colher?' Tomara eu que eles já estivessem a produzir, e já estão preocupados com um problema futuro, já estão a sofrer por antecipação. As pessoas vão logo com o espírito derrotista... se formos a pensar assim nunca fazemos nada! O problema não é arranjar pessoas para cá, o problema é ter o sítio onde fazer as coisas...por exemplo o curral do gado, aí demoramos 4 ou 5 anos para arranjar um curral do gado, porque do ponto de vista

do PDM e das limitações que nós temos foi muito complicado... conseguimos passar esse ponto e agora vamos ao próximo passo. E aí, sim, esta plantação junto com o curral do gado será o início de uma coisa que podemos considerar que é uma mudança de paradigma, uma mudança de mentalidades e demonstrar às pessoas, na prática, que realmente é possível fazer mais e muito melhor para todos. Temos de pensar sempre num projeto médio prazo! Pelo menos nós aqui nunca podemos pensar no lucro a curto prazo, porque isso era fácil! Nós já fomos assediados diversas vezes por celulosos nacionais para arrendar isto, era um lucro que era fácil. Mas não é esse o objetivo, não pode ser esse o objetivo. O que nos preocupa é deixarmo-nos de teorias e passarmos à prática.

“

TEMOS DE PENSAR SEMPRE NUM PROJETO MÉDIO PRAZO! PELO MENOS NÓS AQUI NUNCA PODEMOS PENSAR NO LUCRO A CURTO PRAZO, PORQUE ISSO ERA FÁCIL!

“



P. Eólicas, árvores autóctones, gado, produção de queijo, preservar a floresta e valorizar o interior, mudar mentalidades e paradigmas. Não é um caminho fácil, mas baixar os braços não faz parte do vosso vocabulário. Qual seria a cereja no topo do bolo?

R. Este projeto (Comissão de Compartes) é um projeto com 20 anos, tivemos os primeiros 6/7 anos sem qualquer tipo rendimento.

As primeiras fontes de rendimentos foram dos parques eólicos. Depois a seguir tivemos que criar o resto, criar condições para as pessoas estarem mais tempo, por exemplo colocamos internet gratuita para todas os habitantes. E isso faz muita diferença, porque há 10 anos esta aldeia nem rede de telemóvel tinha e 10 anos depois já tem 4G com internet gratuita para todos. E aí a Fundação Vodafone foi uma mais valia. Mas agora temos rede de telemóvel, temos internet, é lógico que as pessoas vêm muito mais do que vinham antes. Agora é preciso continuar a criar condições, o que nós queremos a breve trecho, queremos ter aqui pessoas a trabalhar, disponibilizar madeira a custo reduzido para os Compartes, é, por exemplo, ter o gado e a produção do queijo ser a custo reduzido para as pessoas dos Compartes. Beneficiar as pessoas das aldeias que fazem parte dos Compartes para que as pessoas tenham o incentivo de estar cá mais tem-

“

POSSO DIZER QUE HÁ 3 PROJETOS NESTE MOMENTO PARA A PARTE TURÍSTICA NA ALDEIA DE ALGE, E UM COM ALGUMA IMPONÊNCIA JÁ.

“

po, porque se não houver pessoas não vale a pena estarmos a fazer isto. Isto aqui tem sempre de ser focado a pensar no que podemos retirar daqui em benefício de uma freguesia que está completamente desertificada, do interior do país, com todas as contingências que isso tem. A médio prazo há muitos outros projetos, muitos na parte social, nomeadamente a criação de centro de dia ou mesmo de um lar de idosos, seria a cereja no topo do bolo. Isso seria realmente aquilo que nós queríamos, terminar todos estes projetos com esta parte de cariz social. Como tivemos este dinamismo e tivemos toda esta engrenagem montada, garantidamente nós teremos um conjunto de aldeias do interior do país onde se vai demonstrar realmente que o interior não está perdido, tem um potencial enorme e está completamente subaproveitado. O ponto

de partida é realmente este. Será o início de muita coisa, se não nos faltar as forças (sorrisos), isto, juntamente com o gado será o início de muita coisa.

P. Olhando toda esta belíssima área florestal e as diversas possibilidades de que já falámos, o turismo seria também um projeto a desenvolver no futuro?

R. Há muita coisa que pode ser feita, há muita carta na manga! Posso dizer que há 3 projetos neste momento para a parte turística na Aldeia de Alge, e um com alguma imponência já. Há turismo de natureza que pode ser feito, parques aventura, vamos recuperar os antigos passadiços junto à ribeira, recuperar os moinhos, temos moinhos e lagares junto à ribeira. O património histórico que estas aldeias têm não é conhecida por muitos, quer da minha geração quer da geração anterior à minha. Posso-lhe dizer que num trecho de 4-5 km há cerca de oito moinhos à beira da ribeira. Portanto, estamos a falar do projeto Aljia que eu acho que, se realmente continuar a ser implementado e for implementado na sua essência, será uma mais-valia enorme.

Quer o potencial turístico quer o potencial florestal estão todos ligados, agora eu digo-lhe: isto é uma pequena gota para aquilo que pode ser feito, mas é um ponto de partida.



CASAL DE SÃO SIMÃO E FOZ DE ALGE COM ANTENA DE REDE MÓVEL

A Aldeia do Casal de São Simão e a Foz de Alge já têm antena de rede móvel.

A instalação surge no seguimento do protocolo de parceria entre o Município e a Vodafone Portugal – Comunicações Pessoais S.A., celebrado em 2017, que visa a execução de um projeto-piloto para instalação de equipamentos e soluções tecnológicas de acesso remoto à rede móvel de telecomunicações e à Internet, a partir de zonas não cobertas por sinal que o permita.

O protocolo já possibilitou a colocação de uma antena em Vale Vicente, e prevê a intervenção física noutras localidades cuja necessidade venha a ser identificada posteriormente.

PLANO MUNICIPAL DE COMBATE À VESPA VELUTINA

(Vespa Asiática)

Plano de ação implementado pelo Município desde 2019, com participação ativa de apicultores da região, para combate à proliferação da vespa asiática e proteção da abelha europeia.

- Identificação, inativação e/ou eliminação dos ninhos da espécie (desde 2019): 300
- Colocação de armadilhas (desde 2020): 140

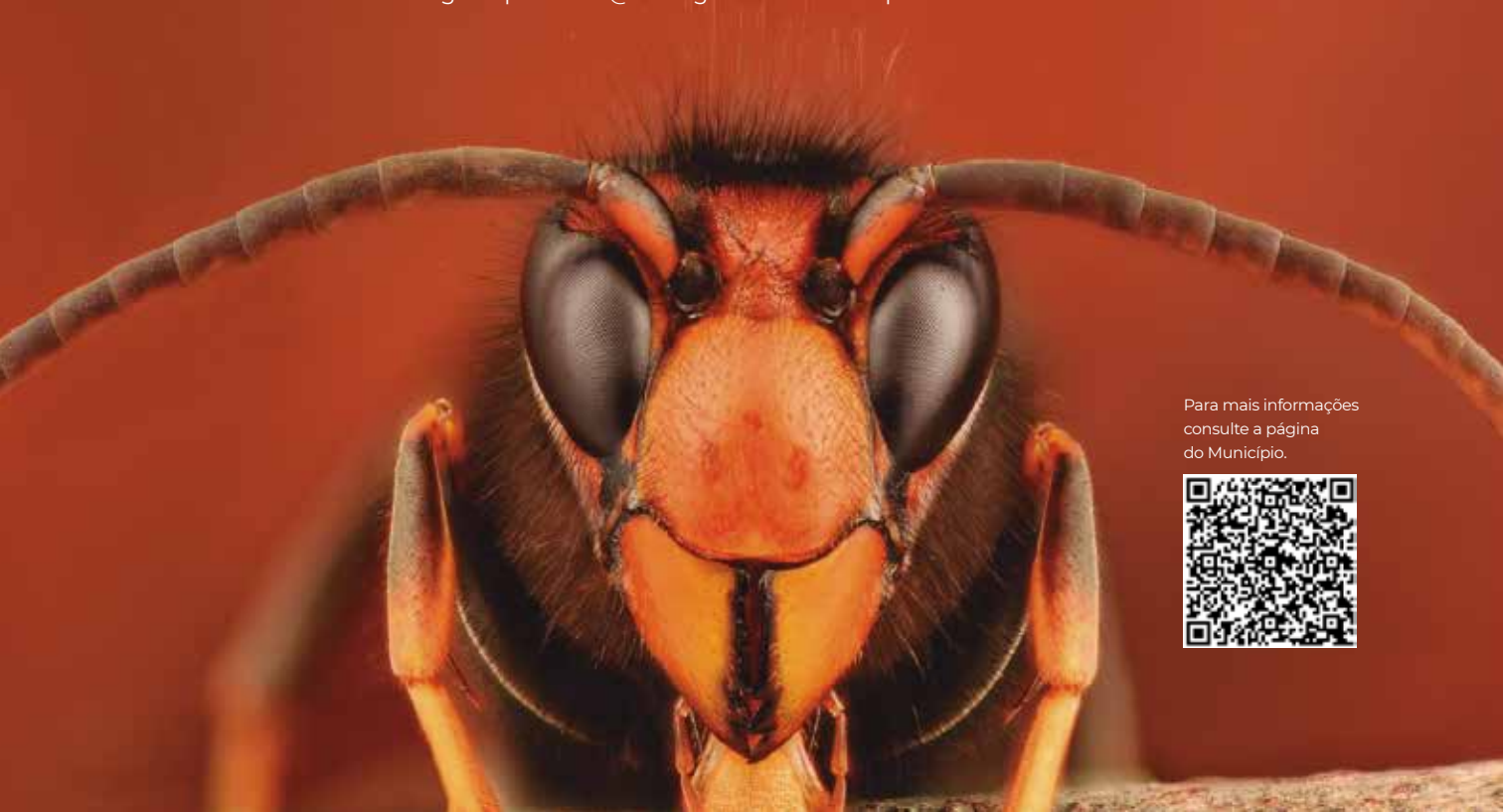
O SEU CONTRIBUTO É FUNDAMENTAL!

Se avistar ninhos de vespa velutina, por favor, informe as autoridades competentes, através dos seguintes meios municipais:

Telemóvel: 913 850 886

E-mail: aguasqualidade@cm-figueirodosvinhos.pt

Para mais informações
consulte a página
do Município.



INFORMAÇÕES ÚTEIS

CÂMARA MUNICIPAL
Geral 236 559 550
Fax 236 552 596
atendimento@cm-figueirodosvinhos.pt

BIBLIOTECA MUNICIPAL
Tel 236 559 230
geral@bmfigueirodosvinhos.com.pt

CASA DA CULTURA
Tel 236 559 600
cultura@cm-figueirodosvinhos.pt

MUSEU E CENTRO DE ARTES
E MUSEU DO XADREZ
Tel 236 552 195
geral@mcafigueirodosvinhos.pt
geral@museudoxadrez.pt

POSTO DE TURISMO
Tel 236 552 178
turismo@cm-figueirodosvinhos.pt

ESPAÇO DO CIDADÃO
Tlm 916 892 008
edc.figueiro.vinhos@ama.pt

UNIVERSIDADE SÉNIOR
Tlm 916 660 360
univseniorfv@gmail.com

CENTRO INVESTE
Tel 236 559 000
geral@centroinveste.pt

GABINETE DE DESPORTO
Tel 236 551 132 / Tlm. 913 085 735
gabdesporto@cm-figueirodosvinhos.pt

ESTALEIRO E OFICINAS MUNICIPAIS
Tel 236 552 595
estaleiro@cm-figueirodosvinhos.pt

CPCJ - COMISSÃO DE PROTEÇÃO
DE CRIANÇAS E JOVENS
Tel 236 553 090 / Tlm 913 428 237
cpcj.fig@gmail.com

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS
Tel 236 552 122
secretaria@bombeirosfigueirodosvinhos.pt

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA
Tel 236 559 300

CENTRO DE SAÚDE
Tel 236 551 727

SERVIÇO DE ÁGUAS - APIN
Roturas na Via Pública
Tel 800 210 142

Leituras
Tel 800 207 080
www.apin.pt/contactos

www.cm-figueirodosvinhos.pt



NEWSLETTER

**Subscreva e fique a saber a programação de atividades
em Figueiró dos Vinhos**

<http://www.mcafigueirodosvinhos.pt/newsletterMFV/index.php>



**FIGUEIRÓ
DOS
VINHOS**

ARTE VIVA